

37º Encontro Espírita Sobre *O Livro dos Espíritos*



TEMA CENTRAL:

RETORNO DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPIRITUAL



14, 15 e 16 de
Fevereiro de 2021



Patrono
Allan Kardec

37º EELE – Encontro Espírita Sobre *O Livro dos Espíritos*

O Caminho de Casa

TEMA CENTRAL:

Segunda Parte: Mundo Espírita ou dos Espíritos

Capítulo III - RETORNO DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPIRITUAL

O 37º EELE será apresentado ao vivo, pela Página do Facebook e pelo canal do CEAA no YouTube .

Coordenação Geral: Deuza Maria Nogueira

Coordenação Rio das Ostras: Alba Terra, Ericka Koebecke, Teresa dos Anjos

Organização do Conteúdo: Equipe de Estudo do Encontro

Diagramação e Finalização: Departamento Editorial do CELD

Sumário:

ATIVIDADES DO ENCONTRO.....	3
OBJETIVOS	4
CENTROS DE INTERESSE.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
BLOCO DE ESTUDO 1 - A alma após a morte	8
BLOCO DE ESTUDO 2 - Separação da alma e do corpo.....	13
BLOCO DE ESTUDO 3 - Perturbação espiritual	26
CONCLUSÃO.....	29
ANEXO 1: O retorno de Oscar Wilde	31
ANEXO 2: Vampiro.....	34
ANEXO 3: A desencarnação de uma espírita.....	37
ANEXO 4: A desencarnação de Otília	41
ANEXO 5: A desencarnação de Irmão Jacob.....	44
ANEXO 6: A desencarnação de um jovem	46
ANEXO 7: A desencarnação de Volquimar	47
ANEXO 8: Lemaire.....	49
ANEXO 9: A desencarnação de Joana D' Arc	51
ANEXO 10: Como orar por aquele que acaba de partir?	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Reconhecer a ideia da sobrevivência da alma após a morte do corpo físico.

Objetivos Específicos dos Blocos de Estudos

Bloco de estudo 1

Questões 149 à 153

- Observar a individualidade da alma e suas consequências após a morte.
- Perceber os meios de constatação da individualidade da alma após a morte.
- Apresentar a visão espírita de vida eterna

Bloco de Estudos 2

Questões 154 à 162

- Compreender o processo de separação da alma e do corpo físico.
- Identificar como diferentes gêneros de morte interferem no processo de separação da alma e do corpo.
- Perceber como o grau de moralidade do Espírito influencia no processo de separação da alma do corpo.
- Concluir que a manutenção dos laços afetivos é uma consequência da sobrevivência da alma após a morte.

Bloco Estudos 3

Questões 163 à 165

- Entender que a perturbação que se segue à morte não é sinônima de sofrimento.
- Identificar os diferentes graus e duração da perturbação espiritual.
- Compreender como o conhecimento da Doutrina Espírita pode influenciar no tempo da perturbação.

CENTROS DE INTERESSE

1

DESAPEGA!

O desapego dos bens materiais auxilia o Espírito após a morte?

No dia a dia, muitas vezes adquirimos muitos itens que, quando damos conta, já tínhamos ou então não desfazemos daquele pote, porque iremos precisar um dia. Precisamos entender o que significa a tralha material e mental, o acúmulo de objetos e o que esse fato pode influenciar na nossa vida material e espiritual.



2

LAÇOS DE AFETO OU DE APEGO?

Os verdadeiros laços de afeição se rompem com a morte do corpo?

Deus permite que reencarnemos para progredir e que, em cada encarnação, criemos vínculos de afetos as pessoas, família, objetos, lugares, profissão, amizades, amores e etc, como forma de estímulo para o Espírito. Só que a vida é transitória e da mesma forma que vinculamos, precisaremos, um dia, desvincular para continuarmos a nossa trajetória. Mas como nos desvincularmos das coisas que nos trazem tanto prazer? Como deixar para traz tantos afetos? Onde está a misericórdia divina?



5

COMO SERÁ O DIA D?

O que a Doutrina Espírita ensina de diferente em relação à morte?

O assunto “morte” não é um tema que, constantemente, se trate com leveza, tranquilidade e alegria, mas é algo a que não podemos fugir. Vamos estudá-lo à luz da Doutrina dos Espíritos e aprender com eles que precisamos vê-lo com naturalidade, por ser tão presente em nosso dia a dia, principalmente nos tempos atuais. Além disso, podemos, desde cedo, nos preparar para este instante tão importante, se nos dedicamos ao estudo e ao trabalho no bem. O Espiritismo desmistificou a morte, o morrer, e vem nos ensinar que “morre bem, quem vive bem”. Mas sob qual ótica isso pode ocorrer?



7

A CASA ESPÍRITA PODE AJUDAR?

De que forma nós, encarnados, podemos ajudar os desencarnados e seus familiares?

A Doutrina Espírita nos esclarece acerca dos muitos instrumentos que temos para a nossa vida de encarnado. Mas que recursos estão ao nosso alcance que nos possibilitam prestar auxílio aos nossos irmãos no momento do retorno à pátria espiritual?



8

CHEGUEI! TEM ALGUÉM ME ESPERANDO?

Estarei desamparado ao desencarnar?

Costumamos planejar quase tudo em nossa vida: que carreira vamos seguir, qual curso iremos fazer, qual viagem farei ao tirar férias etc., mas será que planejamos nosso desencarne? Será uma grande viagem que todos, sem exceção, um dia faremos. Com quem vou encontrar? Amigos, familiares, desafetos? Alguém irá me auxiliar?

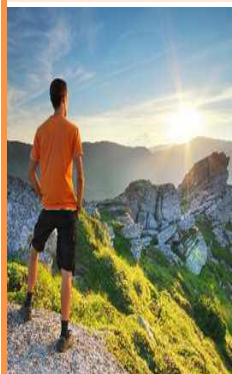


12

VOLTANDO PARA CASA OUTRA VEZ!

Como será?

Já sabemos que no momento da morte, a alma se separa do corpo. E que esta mantém sua individualidade com seus apegos materiais e morais. Como será a influência dessas condições na hora do desprendimento do espírito e nas sensações que experimenta quando no seu retorno à pátria espiritual, nossa verdadeira casa. “Cada um leva a vida que leva”... O que será necessário para melhorarmos nossa viagem de regresso?



INTRODUÇÃO

“Mais algum tempo ainda, e a existência desse mundo, que é aquele que nos aguarda, será tão incontestável quanto a do mundo microscópico e a dos globos perdidos no Espaço.”

(ALLAN KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, Conclusão VIII)

Estamos no estudo continuado de *O Livro dos Espíritos*, desde 2014. Assim, iniciamos com a ideia de Deus, em seu primeiro capítulo e viemos caminhando ao longo destes anos, buscando a aplicabilidade destes conceitos em nossa vivência cotidiana.

Em 2017, concluímos a Primeira Parte, que abrange as Causas Primárias: Deus, Elementos Gerais do Universo, Criação e Princípio Vital.

Em 2018, iniciamos o estudo da Parte Segunda: MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS, em seu Capítulo I: Dos Espíritos; seguimos em 2019, trabalhando a Encarnação dos Espíritos, no Capítulo II.

A partir da compreensão da ideia de Deus, dos Elementos Gerais do Universo, da nossa natureza espiritual, da possibilidade de progredirmos, mesmo estando em diferentes níveis na escala evolutiva; chegamos a 2020, vendo a necessidade de encarnarmos em um corpo físico e o prejuízo das ideias materialistas.

Grande desafio! Neste ano, bem diferente para toda a Humanidade, estudaremos O CAMINHO DE VOLTA PARA A CASA: O Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual.

Falaremos de VIDA!

Relembraremos nossa verdadeira identidade: SOMOS ESPÍRITOS IMORTAIS!

Buscaremos, nas elucidações dos Espíritos, na Codificação e nas Obras Mediúnicas, entender a questão da separação da alma e do corpo, tão aflitiva para muitos de nós: Morrer dói?

Como são os primeiros momentos após o desencarne?

O gênero de morte tem alguma influência na situação do espírito?

E o conhecimento do Espiritismo, ajuda?

Que recursos a Casa Espírita pode oferecer ao desencarnado e aos que ficam?

Como vemos, o estudo desta temática é não só fascinante como necessário, pois todos nós algum dia estaremos VOLTANDO PARA CASA.

Bom aproveitamento, amigos!

BLOCO 1

A ALMA APÓS A MORTE



Objetivos:

- Observar a individualidade da alma e suas consequências após a morte.
- Perceber os meios de constatação da individualidade da alma após a morte.
- Apresentar a visão espírita de vida eterna.



Questão 149 – O que se torna a alma no instante da morte?

“Volta a ser espírito, isto é, volta ao mundo dos espíritos que, momentaneamente, ela havia deixado.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

Conforme vimos em encontros anteriores¹, a alma é um *espírito encarnado*. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível (ou mundo espiritual) e que revestem, temporariamente, um envoltório carnal, para se purificarem e se esclarecerem. Quando não estão ligados a corpos de carne, esses seres inteligentes são chamados de *espíritos desencarnados*. Portanto, tanto os *espíritos desencarnados* quanto nós que, hoje, vestimos um corpo de carne somos da mesma natureza, somos todos *espíritos*. A única diferença é que, enquanto estamos encarnados, recebemos o nome de *alma*.

O estudo deste capítulo está nos trazendo uma nova informação: *sobrevivemos à morte do corpo*. Pela *encarnação*², os espíritos deixam o mundo espiritual para habitar o mundo corporal; pela *desencarnação*, os espíritos deixam o mundo corporal para habitar o mundo espiritual.

¹ EQUIPE DO ENCONTRO. *Apostila do 34º Encontro Espírita sobre o Livro dos Espíritos; Bloco de Estudo 1*. CELD.
EQUIPE DO ENCONTRO. *Apostila do 34º Encontro Espírita sobre o Livro dos Espíritos; Bloco de estudo 2*. CELD.

² Usamos aqui a palavra *encarnação* em um sentido diferente daquele empregado nas questões 132 e 133 (36º EELE). Lá, essa palavra foi usada com o sentido de “estado dos espíritos que revestem um envoltório corporal ou passagem dos espíritos pela vida corporal”, aqui, ela é empregada no sentido de “processo de entrada do espírito na carne”. A palavra *desencarnação* seria,



Questão 150 – A alma, após a morte, conserva sua individualidade?

“Sim, jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?”

a) Como a alma constata sua individualidade, visto que não tem mais o seu corpo material?

“Ela ainda possui um fluido que lhe é próprio, que haure na atmosfera de seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.”

b) A alma nada leva consigo deste mundo?

“Nada além da lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor. Esta lembrança é cheia de doçura ou de amargor, conforme o uso que ela tenha feito da vida; quanto mais pura, mais ela compreende a futilidade do que deixa na Terra.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

Conforme vimos no 34º EELE³, o espírito propriamente dito, princípio intelectual e moral, está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, quer ele esteja encarnado ou desencarnado. O corpo que reveste os espíritos, seu perispírito, bem como os demais objetos do plano espiritual não podem ser medidos com os nossos instrumentos, pois são constituídos de uma matéria diferente da do nosso corpo. É uma matéria vaporosa para nós, os encarnados, mas não para eles, os desencarnados, que possuem uma relação com o seu corpo e com o meio em que vivem. E nós podemos observar isso durante o nosso sono: enquanto nosso corpo físico repousa, nós desenvolvemos diversas atividades no plano espiritual com um corpo (perispírito) que nos parece tão sólido quanto o primeiro. Isso porque o perispírito é da mesma natureza dos objetos do meio espiritual, enquanto o corpo físico é da mesma natureza dos objetos do meio material.

Estando encarnado, o espírito tem no corpo físico a sua principal referência para se identificar como uma *pessoa*. A sua aparência física, cor de pele, sexo, idade etc. são características que lhe permitem reconhecer o seu “eu”. Após desencarnar, ele continua a ser a mesma *pessoa*, com a mesma forma de pensar; ele identifica a si próprio, tendo por base as mesmas referências. E este pensamento, mesmo sem ser intencional, faz com que o seu perispírito assuma a aparência do corpo físico da sua última encarnação, já que o perispírito toma uma forma correspondente ao pensamento e à vontade do espírito. Como o perispírito fica impregnado do conjunto dos pensamentos e sentimentos do espírito, ele assume características, além da aparência, *únicas em cada indivíduo* (análogas à impressão digital ou a íris dos olhos dos encarnados), que permite ao indivíduo ser reconhecido por outros espíritos, mesmo quando estes não reconhecem sua aparência.⁴ Colocamos, no Anexo 2, um caso em que são identificados no perispírito de uma desencarnada os atos maus praticados por ela em sua encarnação e, no Anexo 3, um caso em que uma desencarnada reconhece dois espíritos com aparência diferente da que ela conheceu quando encarnada.

portanto, o processo de saída do espírito na carne. Ver ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*; Primeira Parte – capítulo III, item 17. CELD.

³ EQUIPE DO ENCONTRO. *Apostila do 34º Encontro Espírita sobre o Livro dos Espíritos*; Bloco 4 e Anexo 2. CELD.

⁴ ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*; questões 283 a 285. CELD.

ALLAN KARDEC. *A Gênese*; capítulo XIV, itens 10 e 16. CELD.



Ao passar para o mundo espiritual, não levamos nada daquilo que pertence ao mundo material: corpo físico, dinheiro, casa, carro, objetos pessoais, título e cargo profissional, tarefas na casa espírita (ou outro templo religioso), posição social. *Os bens da Terra pertencem a Deus*, que os distribui de acordo com a sua vontade. Somos apenas administradores dos bens materiais, não somos donos. O que é nosso, os *bens espirituais*, nós levamos ao partir: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Levamos, também, os laços de afeto com aqueles nossos amados que permanecem encarnados, mesmo não podendo

mais dispor de sua presença (física) constante, pois os verdadeiros laços de afeição são os do espírito e não os do corpo; esses laços não se rompem, nem com a separação, nem com a morte do corpo. Portanto, para a nossa felicidade futura, devemos priorizar, desde a vida presente, os interesses da alma, que são permanentes, em relação aos interesses materiais, que são passageiros; devemos aproveitar os recursos e oportunidades da vida de forma *útil*.⁵

Questão 151 – O que pensar da opinião de que, após a morte, a alma retorna ao todo universal?

“O conjunto dos espíritos não forma um todo? Não constitui um mundo? Quando estás numa assembleia, és parte integrante desta assembleia e, todavia, conservas sempre a tua individualidade.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

Conforme vimos no 34º EELE⁶, os espíritos desencarnados constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos. Eles habitam o mundo dos espíritos (também chamado de mundo espírita, mundo espiritual ou plano espiritual), que não fica localizado em uma região determinada, mas em todo o Universo, fora do mundo material. Eles se agrupam, por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de espíritos, unidos pela simpatia e pelo objetivo a que se propõem: os bons, pelo desejo de fazer o bem; os maus, pelo desejo de fazer o mal, pela vergonha de seus erros e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.



Porém, mesmo fazendo parte de um conjunto, cada espírito é um *indivíduo*, pois cada um possui a sua história; o conjunto de experiências vividas por cada um (na carne e fora dela) é único, já que cada

⁵ ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*; questões 275 a 277. CELD.

ALLAN KARDEC. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; capítulo XVI, item 9 e 10; XXIII, item 6. CELD.

⁶ EQUIPE DO ENCONTRO. *Apostila do 34º Encontro Espírita sobre o Livro dos Espíritos*; Bloco 2 (questão 84). CELD.

um escolheu uma trajetória de vida diferente; cada um vive há mais ou menos tempo e, por conseguinte, possui mais ou menos aquisições.⁷



Questão 152 – Que prova podemos ter da individualidade da alma, após a morte?

“Não tendes esta prova, através das comunicações que recebeis? Se não fôsseis cegos, veríeis; se não fôsseis surdos, ouviríeis; pois, com muita frequência, uma voz vos fala e vos revela a existência de um ser que está fora de vós.”

Os que pensam que, com a morte, a alma volta para o todo universal estão errados, se com isso entendem que, semelhante a uma gota d’água que cai no oceano, ela aí perde sua individualidade; estão certos, se entendem por *todo universal* o conjunto dos seres incorpóreos do qual cada alma ou espírito é um elemento.

Se as almas fossem confundidas na massa, só teriam as qualidades do conjunto e nada as distinguiria umas das outras; não teriam inteligência, nem qualidades próprias; enquanto que, em todas as comunicações, acusam a consciência do *gw* e uma vontade própria: a diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é a própria consequência das individualidades. Se, após a morte, só houvesse o que se chama de o grande Todo, absorvendo todas as individualidades, este Todo seria uniforme e, então, todas as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. **Visto que lá se encontram seres bons, outros maus, sábios e ignorantes, felizes e infelizes; que os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e profundos, etc. , é, evidentemente porque são seres distintos. A individualidade se torna mais evidente ainda, quando esses seres provam a sua identidade, através de sinais incontestáveis: das particularidades pessoais relativas à sua vida terrestre, que podem ser contestadas. Não pode ser posta em dúvida, quando eles se manifestam à visão, nas aparições.** A individualidade da alma nos era ensinada em teoria, como um artigo de fé; o Espiritismo a torna patente e, de alguma forma, material.

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD – grifo nosso.)

Desde o século XIX até o início do século XX, incontáveis fenômenos apresentaram-se, em diversas partes do mundo, contrariando o conhecimento da época sobre matéria. Entre estes fatos contam-se as movimentações de objetos inertes e barulhos provocados por causas desconhecidas, aparições, comunicações com indivíduos que já não viviam sobre a Terra, dentre outros. A observação mostrou que para a produção desses fenômenos, era necessária a intervenção de uma ou de várias pessoas dotadas de uma aptidão especial, que foram designadas por Kardec sob o nome de *médiuns*.

Diversas hipóteses foram levantadas para explicar esses fenômenos: charlatanismo, alucinação, causas materiais como a eletricidade ou o magnetismo. E diante dos fenômenos que davam sinais de inteligência, foram atribuídas como causa a inteligência do médium ou a das pessoas presentes. Todas essas explicações eram válidas para muitos casos, mas não para todos. Havia muitos fenômenos, principalmente os de comunicações, em que ficava patente a intervenção de uma inteligência que não podia ser atribuída ao médium ou a alguma outra pessoa viva. A análise rigorosa desses fenômenos revelou a existência de um mundo além dos limites da matéria: *o mundo dos espíritos*.⁸

⁷ EQUIPE DO ENCONTRO. *Apostila do 35º Encontro Espírita sobre o Livro dos Espíritos*; Bloco 2. CELD.
ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*; questão 804. CELD.

⁸ ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*; Introdução, itens III a V e IX a XVII. CELD.
ALLAN KARDEC. *O Livro dos Médiuns*; item 61. CELD.

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

Como as comunicações com os espíritos continuam a ocorrer nos dias de hoje, cada um de nós pode, também, analisar de forma rigorosa as mensagens que recebe, para ter as suas próprias provas da existência do mundo espiritual, principalmente quando aqueles que foram nossos conhecidos *provam a sua identidade, através das particularidades pessoais relativas à sua vida terrestre, que podem ser constatadas*. Desta forma, podemos construir ou, talvez até, reforçar em nós *a certeza da sobrevivência da alma à morte do corpo*.

Para exemplificarmos essas ideias, colocamos, no Anexo 1, um caso que apresenta elementos incontestáveis de comprovação da identidade de um espírito.

Questão 153 – Em que sentido se deve entender a vida eterna?

“É a vida do espírito que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna.”

a) Não seria mais exato chamar de *vida eterna* a dos espíritos puros, daqueles que, tendo atingido o grau de perfeição, não têm mais provas a experimentar?

“Seria, antes, a felicidade eterna; mas, isto é uma questão de palavras; chamai as coisas como quiserdes, desde que vos entendais.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

Conforme vimos em encontros anteriores⁹, Deus é *eterno*, pois não teve início nem terá fim. Nós, os espíritos, tivemos um início, pois fomos criados por Deus, portanto não somos eternos; contudo, somos *imortais*, já que nunca deixaremos de existir.

Segundo o dicionário Aurélio¹⁰, a palavra *eterno* pode ser empregada com os seguintes significados, dentre outros: 1. Que não tem princípio nem fim; que sempre existiu e existirá. (...) 3. Que não tem fim; constante, incessante. (...)

Assim, devemos entender que, na questão 153, o termo *vida eterna* está sendo empregado no sentido de *vida que não tem fim* ou *vida imortal* e, na subpergunta, no sentido de *felicidade inalterável*. Desta forma, a Doutrina Espírita nos ajuda no entendimento dos ensinamentos de Jesus, como este a seguir:

Aí alguém se aproximou dele e disse: “Mestre, que farei de bom para ter a *vida eterna*?” Respondeu: “Por que me perguntas sobre o que é bom? O Bom é um só. Mas se queres entrar para a Vida, guarda os mandamentos.” Ele perguntou-lhe: “Quais?” Jesus respondeu: “Estes: Não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho; honra pai e mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Disse-lhe então o moço: “Tudo isso tenho guardado. Que me falta ainda?” Jesus lhe respondeu: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me”. O moço, ouvindo essa palavra, saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens.

(AUTORES DIVERSOS. *Bíblia de Jerusalém*; Mateus, capítulo XIX, versículos 16 a 22. Editora Paulus.)

⁹ EQUIPE DO ENCONTRO. *Apostila do 30º Encontro Espírita sobre o Livro dos Espíritos*; Tema 4. CELD.

EQUIPE DO ENCONTRO. *Apostila do 34º Encontro Espírita sobre o Livro dos Espíritos*; Bloco de estudo 1. CELD.

¹⁰ AURÉLIO B. H. FERREIRA. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Positivo.

BLOCO DE ESTUDO 2

SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO



Objetivos:

- **Compreender o processo de separação da alma e do corpo físico.**
- **Identificar como diferentes gêneros de morte interferem no processo de separação da alma e do corpo.**
- **Perceber como o grau de moralidade do Espírito influencia no processo de separação da alma do corpo.**
- **Concluir que a manutenção dos laços afetivos é uma consequência da sobrevivência da alma após a morte.**

Recapitulando os assuntos estudados no Bloco de Estudos I, a partir do momento da morte, a alma se separa do corpo. Esta separação é possível, já que a alma é formada de uma natureza diferente da natureza corporal; no instante da morte a alma retorna ao mundo dos Espíritos, mantendo a sua individualidade; e assim compõe um todo universal que tem por princípio a vida eterna. Uma vez que isto ocorre, que sensações decorrem dessa separação? Como efetivamente essa separação acontece? Em que momento essa separação tem o seu início e o seu término? São estes alguns aspectos que Kardec busca entender na sequência das perguntas do capítulo de estudo.

Os questionamentos acerca da morte são comuns a todos os seres humanos, independentemente de crença religiosa, pois a morte participa do ciclo de vida de todo ser vivo. Entretanto, somente algumas filosofias religiosas atentam para o que se segue após esta etapa. Com grande influência na sociedade do século XIX, e também até hoje, essas doutrinas religiosas trazem ideias que, para algumas pessoas, ainda não são o suficiente para explicar o mistério que é a morte. Em sua maioria, abordam questões como o julgamento e a fixação da destinação da alma, dependendo de seu desempenho ao longo da vida.

Contudo, as preocupações humanas vão além, buscando por aspectos mais específicos que esclareçam quais sensações e que processos ou aspectos se seguem a partir da morte. Essas informações serão a base para posteriormente, na 4ª-Parte de *O Livro dos Espíritos*, entendermos algumas questões, como a situação futura da alma após a morte do corpo.

Por essa razão, Kardec se atenta a fazer perguntas específicas sobre a situação da alma no pós-morte, ao que os espíritos respondem esclarecendo o que até então nos parecia obscuro.



Questão 154- A separação da alma e do corpo é dolorosa?

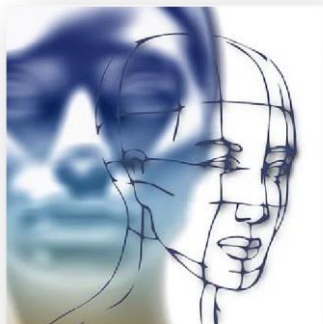
“Não; frequentemente, o corpo sofre mais durante a vida, do que no momento da morte: a alma disso não participa. Os sofrimentos que, algumas vezes, se experimentam no momento da morte, são um gozo para o espírito, que vê chegar o término do seu exílio.”

Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem disto se aperceber: é um lampião que se apaga, por falta de combustível.

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

Para refletirmos sobre esse processo de separação, recorremos ao dicionário¹¹ para entender o significado que é dado à palavra morte:

1. Ato de morrer; o fim da vida animal ou vegetal.
2. Termo, fim.



A morte, então, é um processo inerente ao corpo físico. A Doutrina Espírita nos revela um entendimento a respeito da morte muito distinto do que normalmente se faz, informando-nos que a separação da alma e do corpo não é dolorosa. O momento do último suspiro não é o mais penoso, porque, geralmente, a alma não tem consciência de si mesma; mas antes dele a alma sofre pela desagregação da matéria durante as convulsões da agonia, e depois pelas angústias da perturbação¹². Desta forma, vê-se que o temor das sensações no momento da morte diz respeito a uma condição material e passageira.

A nossa vida de relação, considerando-se, sobretudo, a vida como conhecemos na Terra, mundo de provas e expiações, apresenta muitas ocasiões em que se vivenciam sofrimentos. Durante a vida carnal, os espíritos têm de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza. Essas lutas são vivenciadas em corpos que, devido à grosseria da matéria, são sujeitos a necessidades, doenças, dores... Logo, a dor física é um tipo de sofrimento próprio das experiências corporais e que não faz parte das vivências do espírito.

¹¹ AURÉLIO B. H. FERREIRA. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Positivo.

¹² ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*; Segunda Parte – capítulo I, item 7. CELD.

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

Por outro lado, os sofrimentos que se venham a experimentar nesse momento, por anunciarem o término próximo da vida corporal, trazem à alma o alívio proporcionado pela liberdade que lhe será restituída. Esse sentimento de alívio deve ser compreendido, considerando-se que a verdadeira vida é a vida no mundo dos espíritos, onde não há as mesmas limitações que a vida material lhes impõe quando estão encarnados. No entanto, dependendo do nível de compreensão do espírito **a respeito de si mesmo e da vida**, a separação da alma e do corpo representa justamente a situação oposta, pois interrompe a possibilidade de continuar vivenciando as experiências da vida corporal. Daí a importância do estudo e da prática da Doutrina Espírita, que nos proporciona todos esses entendimentos que têm como base a existência da alma.

A continuidade dos nossos estudos nos esclarecerá de que natureza são os sofrimentos que a alma pode experimentar após o seu desprendimento do corpo.

Questão 155 – Como se opera a separação da alma e do corpo?

“Sendo rompidos os elos que a retinham, ela se desprende”

a) A separação se opera instantaneamente e por uma brusca transição? Há uma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

“Não; a alma se desprende gradualmente e não escapa, como um pássaro cativo, restituído, subitamente, à liberdade. Esses dois estados se tocam e se confundem; assim, o espírito se desprende, pouco a pouco, de seus laços: eles se desatam, não se quebram. ”

Durante a vida, o espírito se prende ao corpo por seu envoltório semimaterial ou perispírito; a morte é a destruição do corpo somente, e não a deste segundo envoltório, que se separa do corpo, quando nele cessa a vida orgânica. A observação prova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; ele só gradualmente se opera e com uma lentidão muito variável, conforme os indivíduos; em uns ele é bastante rápido e pode-se dizer que o momento da morte é também o da libertação, diferindo em algumas horas; porém, em outros, sobretudo naqueles cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido e dura, algumas vezes, dias, semanas e até meses, o que não implica existir no corpo a menor vitalidade, nem a possibilidade de um retorno à vida, mas, uma simples afinidade entre o corpo e o espírito, afinidade que está sempre em razão da preponderância que, durante a vida, o espírito deu à matéria. Com efeito, é racional conceber que quanto mais o espírito se haja identificado com a matéria, mais tenha dificuldade de se separar dela; enquanto que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo e, quando a morte chega, ele é quase instantâneo. Este é o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos observados, no momento da morte. Estas observações provam, ainda, que a afinidade que, em alguns indivíduos, persiste entre a alma e o corpo é, algumas vezes, muito penosa, pois o espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso é excepcional e próprio a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte; ele se apresenta em alguns suicidas.

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

No texto acima, Kardec e os espíritos esclarecem que quando se encerra a vida corpórea de um indivíduo ocorrem dois fenômenos: *a cessação da vida orgânica*, ou seja, da vida no corpo físico¹³, e a

¹³ Para maiores detalhes, ver EQUIPE DO ENCONTRO. *Apostila do 34º Encontro Espírita sobre o Livro dos Espíritos*; temas 1 e 3. CELD.

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

libertação ou desprendimento da alma, que se opera pelo *desprendimento do perispírito*. No trecho “no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente”, fica claro que ele usa a palavra “morte” para se referir somente ao primeiro fenômeno.

Agora vamos analisar, brevemente, o significado do termo “afinidade” através do dicionário¹⁴:

1. Relação, semelhança, analogia.
2. Semelhança entre duas ou mais espécies.
5. Coincidência de gostos ou de sentimentos.

10. (Química). Segundo certas teorias químicas, tendência que tem uma substância de ligar-se quimicamente a outra.

Portanto o termo “afinidade” tem o significado de “semelhança de estruturas”. Kardec, ao descrever o desprendimento entre o corpo material e o corpo espiritual (perispírito), indica que a duração deste processo depende da “afinidade” existente entre o espírito e o corpo. No entanto, no capítulo II de *O Livro dos Espíritos*, os espíritos estabelecem o princípio material e o princípio espiritual como os elementos gerais do Universo, e, portanto, elementos independentes e de naturezas diferentes. Então, na verdade, referindo-se ao grau de afinidade que o espírito possa vir a ter com a matéria, Kardec descreve a condição de um espírito que, não conseguindo compreender muito além daquilo que a vivência corporal pode oferecer, não consegue perceber a sua verdadeira natureza, a espiritual, colocando os interesses materiais acima dos espirituais.

É assim que, nas palavras de Kardec, o desprendimento é muito menos rápido naqueles cujo a vida foi toda material e sensual. Esse comportamento durante a vida reflete a condição moral do espírito encarnado, que sendo imperfeito apresenta a predominância da matéria. Porém, essa situação não é definitiva, podendo ser alterada quando o indivíduo assim desejar.

Questão 156 – A separação definitiva da alma e do corpo pode acontecer antes da cessação completa da vida orgânica?

“Na agonia, a alma, algumas vezes, já deixou o corpo: nada mais há senão a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo e, todavia, resta-lhe ainda um sopro de vida. O corpo é uma máquina que o coração faz funcionar; ele existe, enquanto o coração faz circular o sangue nas veias, e para isso, não necessita da alma.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

Portanto, uma vez iniciado o processo de esgotamento dos órgãos, é sabido que, independentemente do tipo de morte, o processo de separação da alma e do corpo também se seguirá. Contudo, não é essencial entrever o momento exato em que esses processos ocorrem, se serão simultâneos ou não. Cabe apenas compreender que esses fenômenos são parte da lei e, como tudo o que advém da criação e das leis divinas, terão seus valores associados às questões morais às quais o espírito se permite envolver.

¹⁴ AURÉLIO B. H. FERREIRA. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Positivo.

Questão 157 – No momento da morte, a alma tem, algumas vezes, uma aspiração ou êxtase que lhe faz entrever o mundo para onde vai retornar?

“Frequentemente, a alma sente quebrarem-se os elos que a prendem ao corpo; faz, então, todos os esforços para rompê-los inteiramente. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desenrolar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de espírito.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)



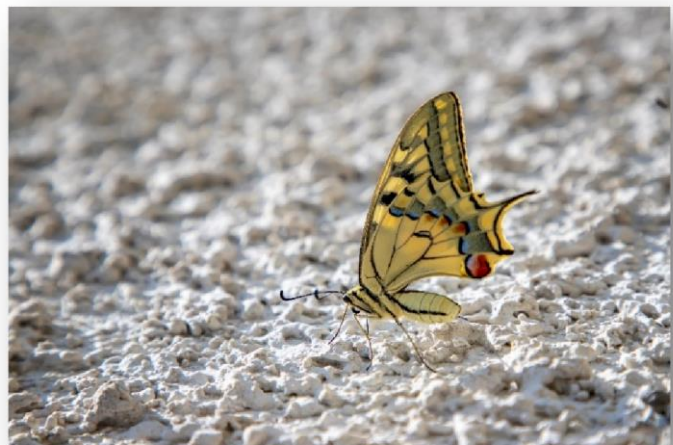
Sabendo que a nossa verdadeira pátria é a espiritual, a alma ao se deparar com o processo de desprendimento do corpo físico, o tem como que natural. Ela o faz na esperança de se libertar do corpo que para o espírito é como que uma corrente que a aprisiona. A partir do momento em que se sente livre dessa corrente, experimenta a liberdade como espírito.

Questão 158 – O exemplo da lagarta que, primeiramente, se arrasta pela terra, depois, encerra-se na sua crisálida sob uma morte aparente, para renascer com uma existência brilhante, pode dar-nos uma ideia da vida terrestre, depois do túmulo e, finalmente, de nossa nova existência?

“Uma pequena ideia. A imagem é boa; no entanto, é preciso não a tomar ao pé da letra, como frequentemente vos acontece.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

A comparação feita na pergunta de Kardec pode nos ajudar a entender melhor o conceito filosófico de morte, quando pensamos que tudo acabou e que na realidade só está se iniciando de uma outra forma. Porém os espíritos dizem para não levarmos a comparação ao pé da letra. A forma exata como ocorre o retorno da vida corporal à vida espiritual é relativa à individualidade de cada um; diferente do processo da metamorfose da lagarta, utilizada na analogia, que acontece sempre da mesma maneira.



Em geral, os espíritos passam por uma espécie de *sono reparador*, na sua desencarnação. Este sono não é igual ao dos encarnados em seus momentos de repouso; ele opera uma transformação no

perispírito, proporcionando ao espírito a sua adaptação ao novo meio, o espiritual. Ao despertar desse sono, o espírito *sente* e *sabe* que já não se encontra mais no mundo material, mas, sim, no mundo espiritual.

As circunstâncias em que se opera esse sono são diferentes em cada espírito. Ele é mais ou menos prolongado e mais ou menos profundo, conforme a dificuldade do espírito para se adaptar às novas condições; além disso, o momento em que ocorre o sono também varia: ele pode se iniciar imediatamente no instante da morte do corpo, como pode se iniciar somente depois de algumas horas, dias, meses, ou até anos, conforme o espírito esteja mais ou menos apegado às suas paixões e preocupações terrenas¹⁵.

Questão 159 – Que sensação experimenta a alma, no momento em que se reconhece no mundo dos espíritos?

“Isso depende; se fizeste o mal com o desejo de praticá-lo, no primeiro momento, tu te sentirás envergonhado de tê-lo feito. Para o justo, é bem diferente: ela fica como que aliviada de um grande peso, pois não teme nenhum olhar perscrutador.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

A alma, ao reconhecer-se no mundo dos espíritos, entra em contato com a sua própria realidade e com a realidade da vida, a verdadeira vida, que é a vida dos espíritos. Este momento chegará para todos, mesmo para aqueles indivíduos que ignoram ou até pretendem negar a realidade deste mundo invisível; “digam o que disserem, eles terão de entrar, como todos os outros, nesse mundo invisível de que tanto zombam”¹⁶.



Durante a existência carnal, todos os atos, bons e maus, praticados pelo indivíduo são registrados no seu perispírito. No momento da desencarnação, o espírito tem uma *visão panorâmica* de todos esses incidentes, que se lhe apresentam, de forma muito acelerada, em alguns minutos ou algumas horas. O momento em que ocorre esse fenômeno, a causa que o provoca e a forma como se desenrola variam conforme o espírito: pode ocorrer pouco antes de sua desencarnação ou depois; pode se dar de maneira espontânea ou provocada pelos

guias daquele espírito; com alguns, as cenas lhe são apresentadas como em uma tela de cinema, em outros casos, o espírito revive os episódios, lembrando tudo o que viu, ouviu e sentiu em cada um.¹⁷

Esta lembrança pode se constituir em motivo de vergonha, se o indivíduo procedeu de forma leviana, porque, ao reconhecer-se espírito, percebe que poderia ter agido melhor enquanto esteve

¹⁵ ERNESTO BOZZANO. *A crise da morte*; 1º, 2º, 3º, 4º, 6º, 8º, 9º, 13º e 14º casos. Editora FEB.

¹⁶ ALLAN KARDEC. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; capítulo VII, item 2. CELD.

¹⁷ ERNESTO BOZZANO. *A crise da morte*; 2º, 3º, 6º e 7º casos. Editora FEB.

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

encarnado. Mas nem todos os espíritos reconhecem seus erros imediatamente após desencarnar, alguns continuam agindo no mau ainda por muito tempo¹⁸. Vemos, no Anexo 2, um caso mostrando uma desencarnada que permanece irreduzível diante da evidência dos seus erros, todavia é importante notar que este momento chegará para todos, mais cedo ou mais tarde, mesmo que um espírito afirme estar satisfeito com determinadas resoluções, pois não há espíritos que permaneçam perpetuamente nas ordens inferiores; todos se tornarão perfeitos¹⁹.

Um quadro bem diferente se dá para aqueles que buscaram bem viver; estes, verificando a conformidade entre as suas ações e o que prescrevem as leis divinas, sentem-se livres da etapa pela qual acabam de passar. E este estado íntimo irá influenciar nas relações entre essa alma e os outros espíritos, já que, conforme vimos no Bloco 1, no mundo espiritual, não há o corpo físico dissimulando a verdadeira condição da alma; esta se apresenta diante de todos da forma que é.

E em se tratando destas relações, poderá o espírito entrar em contato com aqueles que o antecederam na entrada do mundo espiritual? É o que a próxima questão nos ajudará a entender.

Questão 160 – O espírito reencontra, imediatamente, aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

“Sim, conforme a afeição que se dedicavam mutuamente; frequentemente, eles vêm recebê-lo, quando da sua entrada no mundo dos espíritos e o ajudam a se desligar das faixas da matéria; como também há muitos que ele reencontra, depois de os haver perdido de vista, durante sua estada na Terra; vê os que estão na condição de errantes, os que estão encarnados e vai visitá-los.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)



Dado que a alma sobrevive após a morte, mantendo sua individualidade e sua identidade, isto também ocorre com aqueles com os quais conviveu e nutriu afeições ao longo de sua encarnação. Por que, então, deixaria de se importar com eles no pós-morte? Essa possibilidade nada tem de absurdo, e é comprovada pelas comunicações. Colocamos, nos anexos de 3 a 7, trechos de comunicações de espíritos que relatam como foram recebidos no plano espiritual na sua desencarnação.

Dessa forma, a sobrevivência das afeições é uma consequência da sobrevivência da alma após a morte, já que a verdadeira afeição entre os indivíduos é baseada em características morais: semelhança de gostos, interesses, experiências etc. Esta afeição, então, é o primeiro critério que permite este reencontro no plano espiritual, mas não é o único. A literatura espírita nos apresenta muitos casos em que outros fatores facilitam ou dificultam este reencontro, como:

¹⁸ Para exemplo, ver ABEL GLASER. *Eustáquio – Quinze séculos de uma trajetória*; capítulo VI. Editora O CLARIM.

¹⁹ ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*; questão 116. CELD.

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

- *O estado mental do espírito desencarnante*: é preciso que este esteja em condições mínimas de equilíbrio para perceber a presença daqueles que lhe vêm receber;
- *A diferença entre o grau evolutivo do desencarnante e seu antecessor*: quando o antecessor é muito mais evoluído que o desencarnante, nem sempre é possível a aquele baixar o seu padrão vibratório para se tornar visível a este;
- *As ocupações do espírito antecessor*: nem sempre é possível a este desincumbir-se de suas tarefas para receber o desencarnante.

Nos casos mostrados nos anexos 3 e 4, temos alguns exemplos desses pontos. Mas vale destacar que, quando esses encontros não ocorrem *imediatamente* após o espírito desencarnar, dá-se simplesmente um adiamento, pois, como vimos no Bloco 1, os verdadeiros laços de afeição entre as almas não se rompem, nem com a separação, nem com a morte do corpo.

Questão 161– Na morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda não se enfraqueceram pela idade ou as doenças, a separação da alma e a cessação da vida acontecem simultaneamente?

“Geralmente assim é, porém, em todos os casos, o instante que as separa é muito curto.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

Questão 162 – Após a decapitação, por exemplo, o homem conserva, durante alguns instantes, a consciência de si mesmo?

“Muitas vezes ele a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica esteja completamente extinta. Porém, frequentemente também, a apreensão da morte o faz perder essa consciência antes do instante do suplício.”

Trata-se, aqui, apenas da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos, e não como espírito. Se não perdeu essa consciência antes do suplício, pode, então, conservá-la por alguns brevíssimos instantes. Ela cessa, necessariamente, com a vida orgânica do cérebro, o que não implica que o perispírito esteja inteiramente desligado do corpo; ao contrário, em todos os casos de morte violenta, quando ela não se deu pela extinção gradual das forças vitais, os elos que unem o corpo ao perispírito são mais tenazes e o desligamento completo é mais lento.

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)

Vimos no Bloco 1 que na morte natural, isto é, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, o desligamento dos laços começa antes da cessação completa da vida orgânica; na pessoa cuja alma é desmaterializada e cujos pensamentos estão desligados das coisas terrestres, o desprendimento é quase completo antes da morte real. Na morte acidental, ou súbita, o funcionamento dos órgãos físicos é interrompido de forma abrupta. Com isso, os laços que prendem a alma ao corpo vão sendo desligados após o momento da morte, no decorrer de um tempo mais ou menos longo, conforme o espírito esteja mais ou menos depurado. Vemos desta forma que neste, como em todos os casos, o estado moral da alma é a principal causa a influir na maior ou na menor facilidade de desprendimento.²⁰

²⁰ ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*; Segunda Parte – capítulo I, itens 8 e 9. CELD.

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

Tomando como exemplos assuntos de interesse da sua época, como a questão da decapitação, Kardec nos auxilia a compreender se a morte violenta pode trazer algum impacto no processo de retorno da vida corporal à vida espiritual. E nesse sentido, os espíritos revelam que alguns homens nem mesmo mantêm consciência de si, devido ao terror que este momento lhes representa. Assim considerando, a partir do questionamento a respeito da morte violenta, chega-se ao entendimento de que o gênero de morte tem mais influência sobre a pessoa que a teme (em decorrência do sofrimento que o medo pode acarretar para o próprio indivíduo) do que sobre o desprendimento da alma e do corpo em si. Aqueles que não temem a morte experimentam este momento com naturalidade, o que frequentemente revela um certo grau de desenvolvimento moral por parte do espírito encarnado. (Ver, no anexo, os casos Joana D'Arc e Lemaire)

Assim, neste bloco de estudos, que nos mostra os fatores que interferem no processo de separação da alma e do corpo e o que decorre dessa separação, começamos a perceber que há relações entre a conduta moral do indivíduo e sua situação de além-túmulo. “É importante destacar que não existem duas desencarnações iguais. Cada espírito é uma soma de tudo o que viveu”.²¹ Visto que a lentidão e a dificuldade da separação são proporcionais ao grau de depuração e de desmaterialização da alma, depende de cada um tornar essa passagem mais ou menos fácil, mais ou menos penosa, agradável ou dolorosa²². Isso constitui motivações lógicas para que busquemos como norma de vida a prática do bem. E é justamente a influência da prática do bem sobre o indivíduo que será estudada no próximo bloco de estudos.

²¹ <http://seareirosdejesus.com.br/mediunidade-desafios-e-bencao>

²² ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*; Segunda Parte – capítulo I, item 8. CELD.

BLOCO DE ESTUDO 3

PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

Objetivos:

- Entender que a perturbação que se segue à morte não é sinônimo de sofrimento.
- Identificar os diferentes graus e duração da perturbação espiritual.
- Compreender como o conhecimento da Doutrina Espírita pode influenciar no tempo da perturbação.

Questão 163 – A alma, ao deixar o corpo, tem imediatamente consciência de si mesma?

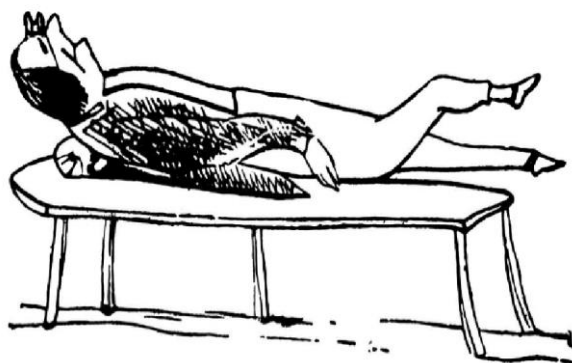
“Consciência imediata não é bem o termo; ela fica durante algum tempo em perturbação.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD.)



Na passagem da vida corporal para a vida espiritual, produz-se o fenômeno da *perturbação*. Nesse momento, a alma experimenta um entorpecimento que paralisa momentaneamente suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as sensações; ela está, por assim dizer, cataleptizada²³, de maneira que quase nunca é testemunha consciente do último suspiro. A perturbação, portanto, pode ser considerada como o estado normal no instante da morte.

Após esse entorpecimento, as ideias do espírito permanecem ainda confusas; ele necessita de algum tempo para se reconhecer; encontra-se como que aturdido e no estado de alguém que sai de um sono profundo e procura tomar consciência de sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que a influência da matéria, da qual acaba de se desligar, se apaga e que a espécie de névoa que obscurece os seus pensamentos se dissipa.²⁴



No caso de alguns espíritos, conforme vimos no Bloco 2, não é suficiente esse entorpecimento (ou sono) que ocorre no momento da morte do corpo; eles necessitam passar por mais de um momento de *sono reparador* para se adaptarem ao novo meio, o meio espiritual. Os casos narrados nos anexos de 3 a 7 exemplificam essas ideias.

²³ Cataleptizada: em estado de catalepsia, em que se observa uma rigidez cética dos músculos, de modo que o paciente permanece na posição em que é colocado. Observa-se a catalepsia principalmente em casos de demência precoce e de sono hipnótico. (Nota da Tradutora de *O Céu e o Inferno*)

²⁴ ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*; Segunda Parte – capítulo I, item 6. *O Livro dos Espíritos*; nota à questão 165. CELD.

Questão 164 – Todos os espíritos experimentam, no mesmo grau e com a mesma duração, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo?

“Não, isto depende da elevação deles. Aquele que já está purificado se reconhece quase imediatamente, porque **já se desligou da matéria durante a vida do corpo**, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência não está pura, conserva por muito mais tempo a impressão dessa matéria.”

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD – grifo nosso.)

A duração da perturbação que se segue à morte pode ser de algumas horas, como de vários meses e, até, de vários anos. É menos longa naqueles que, enquanto vivos, identificaram-se com o seu estado futuro, porque, então, compreendem, imediatamente, sua posição.

Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares, *conforme o caráter dos indivíduos e, principalmente, segundo o gênero de morte*. Os espíritos que passam pelas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos etc. não acreditam e/ou não sabem estar desencarnados; entretanto, veem seu corpo, sabem que aquele corpo é o seu e não compreendem que estejam separados dele; vão para junto das pessoas que estimam, falam com elas e não compreendem por que elas não os ouvem. Esta ilusão perdura *até o completo desligamento do perispírito*; somente, então, o espírito se reconhece e compreende que não faz mais parte dos vivos.

Conforme vimos, no Bloco 2, o estado moral da alma é a principal causa a influir na maior ou na menor facilidade de desprendimento. Naquelas em cuja vida predomina *a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos*, o desligamento do perispírito se inicia antes da morte do corpo, à medida que os órgãos vão se enfraquecendo pela idade ou por doença prolongada. Após a morte do corpo, o desligamento do perispírito dessas almas se encerra em pouco tempo, mesmo nos casos de morte súbita, violenta ou acidental quando os órgãos ainda não se enfraqueceram pela idade ou as doenças, pois essas almas já *se desligaram psiquicamente da matéria* durante a vida do corpo.

Ao contrário, aqueles que colocam os interesses materiais acima dos espirituais identificam-se com a matéria de tal forma que o desligamento do seu perispírito se torna muito mais lento e penoso. Faz-se necessário a esses espíritos uma mudança no seu estado mental para conseguirem se desligar *psiquicamente* da matéria ou, mais propriamente, das *experiências materiais*, e se adaptarem à sua nova realidade de vida, a espiritual.²⁵

²⁵ ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*; nota às questões 155 e 165. CELD.

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

As preces pelos espíritos que acabam de deixar a Terra não têm por única finalidade dar-lhes um testemunho de simpatia, mas também ajudá-los no seu desligamento e, assim, abreviar a perturbação, que sempre acompanha a separação, e tornar o seu despertar mais calmo. Porém, nessa, como em qualquer outra circunstância, a eficácia da prece está na sinceridade do pensamento, e não na quantidade de palavras, ditas com mais ou menos pompa, e das quais, a maior parte das vezes, o coração não toma parte. As preces que partem do coração realmente se refletem em torno do espírito a que se dirigem, cujas ideias estão ainda confusas, como se fossem vozes amigas que vão tirá-los do sono.²⁶

O caso narrado no Anexo 4 mostra o efeito dessa prece sobre um espírito recém-desencarnado; no Anexo 10, encontram-se orientações sobre como realizar esta prece.



Questão 165 – O conhecimento do Espiritismo exerce uma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

“Uma influência muito grande, visto que o espírito compreendia, antecipadamente, a sua situação; porém, **a prática do bem e a consciência pura são o que tem maior influência.**”

(...) A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem; conserva-se calmo e semelhante em tudo àquele que experimenta um despertar tranquilo. Para aquele cuja consciência não está pura, ela é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam, à medida que ele se reconhece.

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. CELD – grifo nosso.)

Desta forma, fica claro que o Espiritismo não é o único meio para se ter uma boa passagem para o plano espiritual, pois a prática do bem é algo que está ao alcance de qualquer pessoa. Como nos alerta Kardec, *fora da caridade não há salvação*.

Porém a Doutrina Espírita, na sua tríplice visão (filosófica, científica e religiosa) ensina não só a continuação da vida após a morte do corpo como, também, as consequências futuras das nossas ações no presente, o que dá ao espírito a compreensão antecipada da sua situação.

²⁶ ALLAN KARDEC. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; Capítulo XXVIII, item 59. CELD.

CONCLUSÃO

A morte ou desencarnação não é um castigo, mas um fenômeno natural, comum a todos os seres vivos

Através do estudo da Doutrina Espírita, trazida pelos próprios espíritos, “mortos”, segundo as ideias materialistas, podemos encontrar recursos preciosos para organizarmos nossas mentes, sentimentos e atitudes no processo da própria desencarnação e a daqueles que nos são caros.

O Espiritismo, como Consolador prometido por Jesus, oferece “através de provas irrecusáveis”, “uma fé inabalável no futuro”, uma visão objetiva da finalidade de nossa existência e a certeza absoluta da Bondade de Deus.

Ninguém está ou estará desamparado: a comunidade espiritual, assim como a sociedade terrena está sempre providenciando as expressões do reconforto, da adaptação a novos estágios, para que a Lei de Amor se cumpra sempre.

Vivamos nos caminhos de Jesus, quando nos alerta “Eu vim para que em Mim tenhais vida, e vida em abundância.” (Jo, 10:10), pois quem vive bem, retornará muito feliz para a Casa querida.



ANEXOS

ANEXO 1: O RETORNO DE OSCAR WILDE

Há várias décadas, a sra. Travers-Smith, médium inglesa bem conhecida, escreveu um volume sob o título de *Psychic messages from Oscar Wilde (Mensagens psíquicas de Oscar Wilde)*, com um prefácio de sir William Barret, volume contendo a exposição e a crítica de uma longa série de mensagens obtidas por ela própria. A entidade espiritual, que lhe teria transmitido tais mensagens, seria a do poeta e dramaturgo inglês Oscar Wilde, de quem tanto se tem falado. (...)

A mediunidade da sra. Travers-Smith é de natureza exclusivamente intelectual. Ela se manifesta pela escrita mediúnica e pelo aparelho chamado *ouijá* (quadro alfabético munido de uma agulha móvel) e apresenta o traço característico pouco comum de se harmonizar facilmente com outras formas vizinhas da mediunidade, de maneira a obter muitas vezes o fenômeno tão raro de duas mediunidades que se fundem com a consequência de produzir os melhores resultados, considerando que, em tais circunstâncias, as falhas inevitáveis, que são próprias em toda mediunidade, podem se compensar reciprocamente. E o que se produziu no caso das mensagens de Oscar Wilde, em que uma parte importante se produziu com a participação complementar de outro médium, o sr. V., que não obtinha nada sozinho, mas, quando a sra. Travers-Smith colocava a sua própria mão sobre a dele, então ele escrevia automaticamente, com uma rapidez vertiginosa, obtendo-se, em tais circunstâncias, resultados tecnicamente mais completos do que quando a sra. Travers-Smith operava sozinha. (...)

Assim descreve a sra. Travers-Smith a primeira manifestação de seu espírito:

“O sr. V. segurava o lápis entre os dedos e eu, sentada ao seu lado, colocava, levemente, os dedos sobre a costa de sua mão.

Antes que a mão se pusesse em movimento, perguntou-me ele se eu podia fechar os olhos, pergunta esta que me agradou, pois tenho notado, com outros comunicantes, que o desejo de fechar os olhos, que surgiu neles espontaneamente, sempre foi o começo de resultados interessantes. O lápis pôs-se a bater, repetidamente, no papel, depois do que entrou em movimento, por saltos repetidos, como na sessão anterior, para, finalmente, escrever o nome de um dos meus falecidos amigos que ditou a seguinte frase: “Desejo conversar com a minha adorada filha, minha querida Lily.”

O espírito tencionava continuar, mas, assim que ele ditou o nome de Lily, percebi uma interrupção na mensagem e compreendi, instintivamente, que o espírito comunicante fora substituído por outro. Perguntei então: “Qual é o espírito que está presente?” Aí o lápis escreveu imediatamente “Oscar Wilde” e começou a ditar a sua mensagem com vertiginosa rapidez. Olhei para o sr. V. e ele estava com os olhos fechados e parecia adormecido, todavia o lápis estava seriamente governado a tal ponto que me oferecia alguma dificuldade para conduzi-lo do fim de uma linha ao começo da outra.

Suspendi, então, o contato de minha mão e o lápis parou imediatamente, começando de novo a bater, nervosamente, pequenas pancadas no papel.

Examinando o ditado, fiquei surpresa ao ver a nitidez e a exatidão da caligrafia. As palavras estavam bem separadas umas das outras, os “i” com os seus pingos, os “t” com os seus cortes, as citações assinaladas por meio de aspas. Enfim, a pontuação era irrepreensível.



A assinatura de Oscar Wilde chamou logo a minha atenção pela sua feição particular.

Lendo a mensagem, notei que se encontrava, de quando em quando, a letra “a” escrita à maneira do alfa grego. Notei também singulares soluções de continuidade entre as letras de certas palavras, como *death. vintage*, etc. Nem o sr. V. nem eu tínhamos visto uma só assinatura de Oscar Wilde ou, se o leitor preferir, não tínhamos a menor lembrança de termos visto, algum dia, qualquer assinatura desse escritor.

Assim que o sr. V. se despediu, pensei que seria interessante comparar a mensagem obtida com uma assinatura de Oscar Wilde. Refletindo sobre o meio mais rápido de fazê-lo, tive a sorte de dirigir-me ao depósito de livros de Chelsea, onde encontrei uma carta assinada por ele e que ali fora depositada a fim de ser vendida. Fiquei pasma: a letra da carta era igual à da comunicação mediúnica, afora ligeiras diferenças que deviam fatalmente existir entre uma letra que se fez carregando com força no lápis e uma carta escrita com pena. Observei também que, de vez em quando, se encontrava na carta uma letra “a” escrita à maneira grega. Vi ainda esquisitas soluções de continuidade entre as letras de uma mesma palavra.”

(...) perguntei-lhe qual o endereço domiciliar, em Dublin, de sir William Wilde, pai de Oscar, endereço que eu conhecia muito bem, assim como a localidade onde estava essa casa, e ele me respondeu: “No subúrbio de Dublin. Meu pai era médico. Tenho alguma dificuldade de recordar-me de nomes.” Fiquei um pouco decepcionada, crendo perceber, nesta resposta, as tergiversações habituais e suspeitas das personificações subconscientes... Observei então: “Isto não vos deve ser difícil se sois realmente Oscar Wilde.” O lápis pôs-se novamente em movimento e escreveu: “Eu morava bem perto daqui, na Tite Street.” Retirei momentaneamente o contato de minha mão e perguntei ao sr. V.: “Há, com efeito, perto daqui, uma Tite Street, nome que ele escreveu corretamente. Eu nunca soube onde residira em Londres e o sr. sabia?” O sr. V. me respondeu: “É a primeira vez que venho a Chelsea e nunca ouvi falar nessa Tite Street.”

Restabeleci o contato da mão e perguntei ao comunicante:

“Dizei-me o nome de vosso irmão”. “William” foi a resposta dele e acrescentou o diminutivo do mesmo nome “Willie”. Perguntei-lhe ainda qual era o pseudônimo usado pela mãe de Oscar para assinar os seus escritos e a resposta foi “Speranza”. Era verdade.

Agora refletamos um instante. Assim como o sr. V., eu não conhecia o endereço de Oscar Wilde em Londres e ele me foi fornecido sem que o pedíssemos. Ao contrário, eu conhecia o seu endereço em Dublin e, apesar disto, ele não me chegou a fornecê-lo. Quanto ao pseudônimo da mãe de Oscar, eu o conhecia, mas o sr. V. o ignorava. Tendo em vista esse conjunto de circunstâncias, não se pode certamente supor que as indicações fornecidas pela entidade comunicante fossem extraídas das subconsciências dos médiuns...”

Diante das considerações da sra. Travers-Smith que acabaram de se ler, sou levado a considerar o conjunto de provas de identificação espírita baseado nas informações fornecidas pelo espírito comunicante relativamente à sua existência terrestre e esgotar o assunto, citando e examinando outras informações do mesmo gênero.

No decurso da sessão de 19 de julho de 1924, o comunicante escreveu:

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

(...) Um dos momentos mais felizes de minha vida terrena foi quando, depois de sair da prisão, dei aula às criancinhas de uma aldeia perto de Bernaval (?). Chamava-me então Sebastian Melnotte... Melmoth, como recordação de um dos meus antepassados. Sebastian em recordação das setas terríveis que me abateram. Jean Dupré, eu o conheci em um Café de Paris... Estou muito confuso e receio ter colocado mal, no tempo, algum acontecimento de minha vida.

Eis os comentários feitos a respeito pela sra. Travers-Smith:

Quanto à referência a uma aldeia de nome Bernaval, o sr. V. e a minha filha, então presente, ignoravam, tanto quanto eu mesma, que Wilde havia lá estado ao sair da prisão.

Finalmente, notemos que Wilde acrescentara: “Chamava-me então Sebastian Melnotte. Isto foi aproveitado pelos críticos e citado como uma prova incontestável da derivação subconsciente desta informação, visto que o sobrenome tomado por Wilde era Melmoth e não Melnotte. Quando se levantou esta objeção, reli a mensagem e verifiquei que ele fornecera duas versões deste sobrenome, sendo uma Melnotte e outra Melmoth. Todavia uma feliz coincidência fez-me saber ainda outra coisa. Algumas semanas depois, publicou o jornal Times o anúncio de uma das suas vendas habituais de autógrafos em leilão: eram de Oscar Wilde. Explicava-se no dito anúncio que algumas cartas expostas à venda estavam assinadas com o nome de Sebastian Melmoth e que uma dentre elas pedia que a resposta fosse dirigida a Sebastian “Melnotte”, acrescentando que ele se reservava para explicar ao destinatário o motivo da mudança de sobrenome. Tais são os fatos. Ora, é absolutamente certo que esse detalhe não podia ser extraído da minha subconsciência ou da do sr. V., pois nem eu nem ele podíamos imaginar que Wilde tivesse uma vez ou algumas vezes empregado uma variante do seu pseudônimo.

(...) Faço notar, agora, que a parte crítico-literária das mensagens dele foi precisamente a que maior impressão causou na Inglaterra com relação à identidade pessoal do espírito comunicante.

Foi graças a essa identidade que as suas mensagens tiveram larga aceitação nos meios literários ingleses e, a esse respeito, é bem digna de registro uma outra circunstância interessante do ponto de vista capital da identidade de pensamento e de intelectualidade entre o autor das mensagens e o finado Oscar Wilde. É que, entre os homens de letras que têm analisado as mensagens, nenhum houve que pensasse em levantar dúvidas sobre elas, o que mostra até que ponto essa identidade pareceu a todos evidente e incontestável. (...)

Com efeito, acham-se reunidas, neste caso, todas as provas cumulativas que, racionalmente, se tem o direito de exigir em tais circunstâncias. Primeiramente, a transmissão de vários incidentes pessoais, ignorados de todos os assistentes, em seguida a prova memorável de identidade, continuada sem parar, no decorrer de centenas e centenas de páginas, e, finalmente, a outra prova, mais importante ainda, da identidade de estilo, ou melhor, dos dois estilos que caracterizavam a personalidade do espírito comunicante, enfim, a mais concludente de todas as outras, ou seja, a do ressurgimento, por detrás do estilo, da sua complexa, estranha e inimitável personalidade. (...)

(ERNESTO BOZZANO. *Cinco excepcionais casos de identificação de espíritos*;

Capítulo V. Editora Lachâtre.)

ANEXO 2: VAMPIRO

O operário, que integrava o corpo de sentinelas das Câmaras de Retificação, respondeu, aflito:

– Venho participar que uma infeliz mulher está pedindo socorro, no grande portão que dá para os campos de cultura. Creio tenha passado despercebida aos vigilantes das primeiras linhas.

(...) Deparou-se-nos, então, a miserável figura da mulher que implorava socorro do outro lado. Nada vi, senão o vulto da infeliz, coberta de andrajos, rosto horrendo e pernas em chaga viva; mas Narcisa parecia divisar outros detalhes, imperceptíveis ao meu olhar, dado o assombro que estampou na fisionomia, ordinariamente calma.

– Filhos de Deus – bradou a mendiga ao avistar-nos –, dai-me abrigo à alma cansada! Onde está o paraíso dos eleitos, para que eu possa fruir a paz desejada.

Aquela voz lamuriosa sensibilizava-me o coração. Narcisa, por sua vez, mostrava-se comovida, mas falou em tom confidencial:

– Não está vendo os pontos negros?

– Não – respondi.

– Sua visão espiritual ainda não está suficientemente educada.

E, depois de ligeira pausa, continuou:

– Se estivesse em minhas mãos, abriria imediatamente a nossa porta; mas, quando se trata de criaturas nestas condições, nada posso resolver por mim mesma. Preciso recorrer ao Vigilante-Chefe, em serviço.

Assim dizendo, aproximou-se da infeliz e informou, em tom fraterno:

– Faça o obséquio de esperar alguns minutos.

Voltamos apressadamente ao interior. Pela primeira vez, entrei em contato com o diretor das sentinelas das Câmaras de Retificação. Narcisa apresentou-me e notificou-me a ocorrência. Ele esboçou um gesto significativo e ajuntou:

– Fez muito bem, comunicando-me o fato. Vamos até lá. Dirigimo-nos os três para o local indicado.

Chegados à cancela, o Irmão Paulo, orientador dos vigilantes, examinou atentamente a recém-chegada do Umbral, e disse:

– Esta mulher, por enquanto, não pode receber nosso socorro. Trata-se de um dos mais fortes vampiros que tenho visto até hoje. É preciso entregá-la à própria sorte.

Senti-me escandalizado. Não seria faltar aos deveres cristãos abandonar aquela sofredora ao azar do caminho? Narcisa, que me pareceu compartilhar da mesma impressão, adiantou-se suplicante:

– Mas, Irmão Paulo, não há um meio de acolhermos essa miserável criatura nas Câmaras?

– Permitir essa providência – esclareceu ele –, seria trair minha função de vigilante.

E indicando a mendiga que esperava a decisão, a gritar impaciente, exclamou para a enfermeira:

– Já notou, Narcisa, alguma coisa além dos pontos negros?

Agora, era minha instrutora de serviço que respondia negativamente.

– Pois vejo mais – respondeu o Vigilante-

Chefe. Baixando o tom de voz, recomendou:

– Conte as manchas pretas.

Narcisa fixou o olhar na infeliz e respondeu, após alguns instantes:

– Cinquenta e oito.

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

O Irmão Paulo, com a paciência dos que sabem esclarecer com amor, explicou:

– Esses pontos escuros representam cinquenta e oito crianças assassinadas ao nascerem. Em cada mancha vejo a imagem mental de uma criancinha aniquilada, umas por golpes esmagadores, outras por asfixia. Essa desventurada criatura foi profissional de ginecologia. A pretexto de aliviar consciências alheias, entregava-se a crimes nefandos, explorando a infelicidade de jovens inexperientes. A situação dela é pior que a dos suicidas e homicidas, que, por vezes, apresentam atenuantes de vulto.

Recordei, assombrado, os processos da medicina, em que muitas vezes enxergara, de perto, a necessidade da eliminação de nascituros para salvar o organismo materno, nas ocasiões perigosas; mas, lendo-me o pensamento, o Irmão Paulo acrescentou:

– Não falo aqui de providências legítimas, que constituem aspectos das provações redentoras, refiro-me ao crime de assassinar os que começam a trajetória na experiência terrestre, com o direito sublime da vida.

Demonstrando a sensibilidade das almas nobres, Narcisa rogou:

– Irmão Paulo, também eu já errei muito no passado. Atendamos a esta desventurada. Se me permite, eu lhe dispensarei cuidados especiais.

– Reconheço, minha amiga – respondeu o diretor da vigilância, impressionando pela sinceridade -, que todos somos espíritos endividados; entretanto, temos a nosso favor o reconhecimento das próprias fraquezas e a boa-vontade de resgatar nossos débitos; mas esta criatura, por agora, nada deseja senão perturbar quem trabalha. Os que trazem os sentimentos calejados na hipocrisia emitem forças destrutivas. Para que nos serve aqui um serviço de vigilância?

E, sorrindo expressivamente, exclamou:

– Busquemos a prova.

O Vigilante-Chefe aproximou-se, então, da pedinte e perguntou:

– Que deseja a irmã, do nosso concurso fraterno?

– Socorro! socorro! socorro!... - respondeu lacrimosa.

– Mas, minha amiga – ponderou acertadamente –, é preciso sabermos aceitar o sofrimento retificador. Por que razão tantas vezes cortou a vida a entezinhos frágeis, que iam à luta com a permissão de Deus?

Ouvindo-o, inquieta, ela exibiu terrível carantonha de ódio e bradou:

– Quem me atribui essa infâmia? Minha consciência está tranquila, canalha!... Empreguei a existência auxiliando a maternidade na Terra. Fui caridosa e crente, boa e pura...

– Não é isso que se observa na fotografia viva dos seus pensamentos e atos. Creio que a irmã ainda não recebeu, nem mesmo o benefício do remorso. Quando abrir sua alma às bênçãos de Deus, reconhecendo as necessidades próprias, então, volte até aqui.

Irada, respondeu a interlocutora:

– Demônio! Feiticeiro! Sequaz de Satã!... Não voltarei jamais!... Estou esperando o céu que me prometeram e que espero encontrar.

Assumindo atitude ainda mais firme, falou o Vigilante-Chefe com autoridade:

– Faça, então, o favor de retirar-se. Não temos aqui o céu que deseja. Estamos numa casa de trabalho, onde os doentes reconhecem o seu mal e tentam curar-se, junto de servidores de boa-vontade.

A mendiga objetou atrevidamente:

– Não lhe pedi remédio, nem serviço. Estou procurando o paraíso que fiz por merecer, praticando boas obras.



E, endereçando-nos dardejante olhar de extrema cólera, perdeu o aspecto de enferma ambulante, retirando-se a passo firme, como quem permanece absolutamente senhor de si.

Acompanhou-a o Irmão Paulo com o olhar, durante longos minutos, e, voltando-se para nós, acrescentou:

– Observaram o Vampiro? Exibe a condição de criminosa e declara-se inocente; é profundamente má e afirma-se boa e pura; sofre desesperadamente e alega tranquilidade; criou um inferno para si própria e assevera que está procurando o céu.

Ante o silêncio com que lhe ouvíamos a lição, o Vigilante-Chefe rematou:

– É imprescindível tomar cuidado com as boas ou más aparências. Naturalmente, a infeliz será atendida alhures pela Bondade Divina, mas, por princípio de caridade legítima, na posição em que me encontro, não lhe poderia abrir nossas portas.

(ANDRÉ LUIZ, psicografia de Francisco C. Xavier. *Nosso Lar*; capítulo 31. Editora FEB.)

ANEXO 3: A DESENCARNAÇÃO DE UMA ESPÍRITA

Extraio a seguinte mensagem de um precioso volumezinho de revelações transcendentais, devido à mediunidade da Sra. E. B. Duffey, intitulado *Heaven Revised*. (...)

A Sra. Duffey, que é de espírito muito cultivado, se tornou médium escrevente e escreveu as mensagens de que se trata, quando apenas havia pouco tempo que se interessava pelas pesquisas mediúnicas, quando, por conseguinte, ainda nada lera, ou muito pouco, sobre doutrinas espiritualistas.

(...) passo à reprodução de algumas páginas da narração ditada pela personalidade que se comunicava e referente ao *processus* de sua desencarnação.

Essa personalidade, no curso de sua existência terrestre, fora conhecida do médium. Era uma senhora distinta e de espírito muito culto, cujas opiniões foram, durante longo tempo, as de um livre-pensador, em matéria de religião, porém que se tornara espírita convencida nos últimos anos de sua vida.

Eis o que ela escreve, falando de si mesma:

Eu sabia que ia morrer, mas não temia a morte, não fremia a essa ideia. Desde muito tempo, os terrores da ortodoxia haviam perdido toda a eficácia para minha alma; sentia-me pronta a afrontar a inevitável crise com uma serenidade filosófica. Acrescentarei mesmo que havia alguma coisa de mais em meu estado d'alma, pois que me dispunha a observar e analisar, com o interesse de uma pesquisadora, a lenta aproximação do grande momento. Não queria perder essa suprema ocasião de adquirir conhecimentos psicológicos que escapam às investigações da Ciência. Conservei-me, pois, como espectadora impassível dos lentos progressos da minha agonia, esperando poder comunicar mais tarde, aos assistentes, minhas observações e prestar assim um último serviço à humanidade: o de dissipar o terror que a hora fatal produz em toda a gente.

Parecia que o meio terrestre se afastava em torno de mim; sentia-me como que a flutuar fora do corpo, num desconhecido meio de existência. Não se deu comigo nada do que eu julgava dever experimentar durante a crise da morte. Assim, por exemplo, lera descrições interessantes acerca de uma espécie de epílogo da morte, que nasceria da mentalidade dos moribundos, em consequência do qual todos os acontecimentos de suas vidas lhes passariam diante da visão subjetiva. Nada disso se verificou comigo: não me sentia atraída nem pelo passado, nem pelo futuro. Um só pensamento e um só sentimento me dominavam a consciência; os das pessoas que eu amava e das quais me ia separar. Entretanto, jamais me considerara uma mulher excessivamente terna; levava minha razão a dominar todas as impulsões e todas as emoções. Julgo até que esse domínio de mim mesma exerceu influência muito favorável sobre o rendimento eficaz da atividade de minha vida. Contudo, nessa hora suprema, a afeição me pareceu o cúmulo e a substância de tudo o que há de apreciável na existência...

Esse estado de vigília atenta sobre a aproximação da morte acabou por me esgotar e, pouco a pouco, uma suave sonolência me invadiu. Era mesmo tão suave, de tal modo me repousava que, no curso desse período de semi-inconsciência, que precede ao estado de inconsciência total, eu refletia sobre o fato de somente duas vezes na minha existência haver experimentado sensação análoga de sonolência deliciosa...

Despertei, experimentando quase um sentimento de remorso, como acontece quando alguém se apercebe de ter dormido demais, além das conveniências sociais. Esse despertar me pareceu ainda mais doce do que o período que precedera o sono. Não cuidava de abrir os olhos, permanecia a gozar daquela sensação de paz e de serenidade, que em vão desejara tantas vezes, no correr da minha existência tão provada. Como era delicioso! Que perfeito era aquele sentimento de paz! Oh! se ele pudesse durar eternamente! De toda sorte, sentia-me bem, o que me mostrava que, afinal de contas, ainda não estava a ponto de morrer. Teria então que me submeter de novo à antiga servidão, conhecer outra vez o aborrecimento, a inquietação da existência?

Súbito, ouvi algumas pessoas que conversavam à meia voz no quarto ao lado. Ouvindo, nitidamente, pela porta aberta, o que diziam, não lograva apanhar o sentido da conversação em que se achavam empenhadas. Porém, despertando mais, cheguei a perceber um dito que me prendeu a atenção, se bem não lhe ligasse muita importância. Eis as frases em questão:

– Não duvido de que ela o fizesse com boa intenção; aliás, era tão excêntrica! A outra voz respondeu:

– Sim, muito excêntrica e também obstinada nos seus caprichos. A primeira replicou:

– Foi muito experimentada pela infelicidade, mas também cumpre se reconheça que foi quase sempre a causadora de seus próprios infortúnios. É o que acontece as mais das vezes.

– Sem dúvida. Por exemplo, sei perfeitamente...

E seguiu-se a narrativa, grotescamente desfigurada, de alguns incidentes da minha vida.

Eu estava surpresa: falavam de mim e falavam empregando o verbo no imperfeito: Ela era... Que queriam dizer? Julgar-me-iam morta? (...)

Sentia-me tão bem de corpo e de espírito, que me decidi a lhes interromper as imprudentes apreciações, apresentando-me diante delas no outro quarto... Mas... que havia? Fiquei um instante presa de terror, ou de qualquer coisa semelhante. Que manequim era aquele que alguém deitara na minha cama, onde, entretanto, eu deveria estar, muito gravemente enferma, o qual jazia rígido em meu lugar e com o rosto lívido, absolutamente idêntico a um cadáver no leito de morte? Eu o via de perfil; tinha os braços cruzados sobre o peito, as pernas rigidamente estendidas, as pontas dos pés viradas para cima. Sobre ele, um pano branco se achava desdobrado. Mas, coisa estranha! eu o distinguia igualmente debaixo do pano e reconhecia naquele manequim os meus traços! Meu Deus! Estava então realmente morta? Enorme sensação me assaltou, que parecia abalar-me no mais profundo da alma. Só então foi que todo o meu passado emergiu de um jato e me invadiu, como grande onda, a consciência. (...)

(...) Com efeito, não podendo prender a língua àquelas mulheres enredadeiras e maldizentes, tive que me resignar a ouvir todo o mal que diziam de mim. Assim foi que, pela primeira vez, tive que contemplar a mim mesma, à claridade da luz em que me viam outros. (...)



Estava então morta? Que estranha sensação a de uma pessoa saber-se morta e se sentir exuberante de vida! Como os vivos compreendem mal o sentido desta palavra. Estar morto significa estar animado de uma vitalidade diferente e extraordinária, de que a humanidade não pode fazer ideia... Provavelmente, a morte se dera havia vinte e quatro horas: eu adormecera no mundo dos vivos e despertara no meio espiritual. Como é estranho! Só nesse momento foi que me lembrei, pela primeira vez, de que estava no meio espiritual! Até ali, meus pensamentos e minhas emoções se tinham conservado presos ao mundo dos vivos.

Mas, onde estavam os espíritos de tantas pessoas caras, que haviam transposto antes de mim a fronteira da morte? Esperava vê-las acorrendo a me darem as boas-vindas no limiar da morada celeste e a me servirem em seguida de conselheiros e guias. Não me preocupava o insulamento em que me achava e ainda menos me assustava; porém, experimentava um penoso sentimento de decepção e de desorientação. Em todo caso, esse estado d'alma não durou mais que um instante. Apenas formulara em meu espírito aqueles pensamentos, vi dissolver-se e desaparecer o quarto em que me encontrava e tudo o que ele continha e me achei, não sei como, numa espécie de vasta planície...

Era indescritível a beleza da paisagem. Bela também é a paisagem terrena, mas a celeste é muito mais maravilhosa...

Caminhava; entretanto, coisa singular, meus pés não tocavam o solo. Deslizava sobre este, como sucede nos sonhos...

Mas, onde estavam aqueles a quem eu amara? Onde estavam tantos amigos mortos, aos quais tão ligada estivera na Terra? Por que esse estado de insulamento da minha nova existência? Não tinha consciência de haver manifestado de viva voz meus pensamentos; todavia, como se alguém me houvesse escutado e se apressasse em me atender, vi diante de mim dois mancebos, cuja radiosa beleza excedia a tudo o que o espírito humano possa imaginar... Muitos anos antes, levava ao túmulo, com lágrimas de desesperada dor, dois filhinhos que adorava: um após outro. E muitas vezes, a chorar sobre as suas sepulturas, estendera os braços para frente, como se contasse reavê-los à morte que me arrebatara os filhinhos. Ó! meus filhos! meus filhos! Quanto os desejava!...

Quando vi diante de mim aqueles mancebos radiosos, um instinto súbito e infalível me preveniu de que eles eram os meus filhinhos, que se haviam tornado adultos. Não hesitei um instante em reconhecê-los. Estendi-lhes os braços, como fizera outrora na Terra, e dessa vez os apertei realmente ao peito! Ó! meus filhos, meus filhos! Enfim tornei a encontrar-vos! Ó! meus filhos, meus para sempre!...

É com real pesar que interrompo aqui a narrativa da entidade que se comunicava (...). Porém, não podendo reproduzir tudo, limito-me a transcrever mais uma passagem do diálogo em que se explica por que motivo a personalidade da defunta que se comunicava permaneceu algum tempo na solidão, em o mundo espiritual. Ela pergunta ao espírito guia:

– Por que fui condenada a passar de um mundo a outro completamente só?

O espírito guia: Condenada não é o termo, minha querida amiga. Não estavas só. Assim te parecia, mas, na realidade, eu velava ansiosamente por ti, com muitos outros espíritos de parentes e de amigos, aguardando o momento em que nos fosse possível manifestar-nos a ti. Para muitas almas de mortos a passagem do mundo dos mortais para o dos imortais é um período de crise moral muito dolorosa; esses seres imploram a assistência



imediatamente dos entes caros que os possam confortar e animar, até ao momento em que se hajam familiarizado com o novo meio. Tu, porém, não eras uma alma como tantas outras. No curso das vicissitudes mais críticas da vida, preferiste sempre agir sozinha; encerraste constantemente no fundo da alma teus pensamentos, tuas meditações, o fruto da tua experiência, mesmo tuas emoções. Soubeste, com uma firmeza de heroína, encarar a morte. Ora, a um temperamento como o teu convinha que, no meio espiritual, se achasse num insulamento aparente, para melhor apreciar em seguida o valor da sociedade espiritual. Entretanto, desde que sentiste a necessidade da companhia e a desejaste com o pensamento, imediatamente nos achamos em condições de responder ao teu chamado.

(ERNESTO BOZZANO. *A crise da morte*; 6º caso. Editora FEB.)

ANEXO 4: A DESENCARNAÇÃO DE OTÍLIA

Minha filha, que a paz do Senhor seja conosco!

Desde o momento em que o *anjo da morte* me dirigiu seu pensamento, enviando-me a lúgubre mensagem da *angina pectoris*²⁷, um turbilhão indescritível tomou conta do meu espírito.

A princípio, com as carnes sacudidas pelos estertores do coração que não mais podia cooperar com a vida física, inenarrável sofrimento tomou-me todas as fibras, do peito ao cérebro e deste aos pés, fazendo-me enlouquecer. Atormentada entre as ideias da *morte* apavorante que eu temia e a ansiedade da *vida* que escapava ao peso cruel do sangue que se negava a irrigar as artérias, veias e vasos, senti que ia tombar.

(...) A par da agonia que não posso descrever, sentia que a vida fugia rápida, fazendo-me desmaiar (...)

Não poderei dizer o tempo em que demorei desfalecida. Guardo, ainda hoje, a impressão de que, em volta, um torvelinho me arrastava, dando-me a sensação de queda em profundo abismo sem fim. (...)

Como a dor não cessasse, simultaneamente impressões diferentes me acudiram ao cérebro turbilhonado, agigantando o meu desespero. Frio glacial apoderou-se lentamente dos membros inferiores, ameaçando imobilizar-me. Ante essa inesperada sensação, tive a impressão de que pesadelo muito cruel me torturava, mas do qual me libertaria em breve. Aquietei-me um pouco, acarinhando a expectativa do agradável despertar..., porque tudo aquilo não passaria certamente de um sonho mau. (...)

No tumulto do meu cérebro, a figura incomparável de Jesus tomou vulto, amenizando lentamente meus sofrimentos. Embora não cessassem de todo, as dores diminuíram e uma quietação momentânea aplacou-me o incêndio interior. (...)

Procurei alargar os movimentos e percebi que o frio terrível desaparecia, desatando-me do potro da rigidez. Andei um pouco vacilante e, de súbito, na minha mente brilhou inesperada ideia: eu não estaria morta, porventura?! – indagava-me. Atirei-me apressadamente ao corpo na tentativa de erguê-lo para fugir a esse pensamento *tenebroso* e libertar-me das aflições. Não consegui, entretanto, meu intento. As lágrimas voltaram a romper as represas e corriam volumosas. (...)

Ao abraçar-me ao corpo, senti-lhe a frieza e verifiquei, apesar de deitar-me sobre ele, que não me conseguia ajustar, qual ocorre à mão calçada em luva inapropriada. Esforçando-me para *vesti-lo* outra vez, verifiquei, atribulada, que minha vontade não mais o acionava.

Compreendi, embora relutante: estava *morta*. (...)

Surpreendi-me novamente fora do corpo, apesar de a ele estar atada por fortes cordões que não impediam que me distanciasse. Passei, então, a experimentar alívio novo e ouvi, emocionada, o murmúrio de preces intercessórias. Nossas crianças²⁸ e companheiros, em volta do caixão funerário, oravam pela minha alma, que se iniciava na grande viagem. Procurei ajoelhar-me acompanhando aquele culto de saudade, mas, antes que pudesse coordenar os pensamentos, leve sono venceu-me, vagarosamente, as fibras cansadas, convidando-me ao repouso. (...)

Não tive noção do tempo em que permanecera em agitado sono, vencida por emoções violentas e complexas. (...)

²⁷ Tipo de dor no peito causada pela redução do fluxo sanguíneo para o coração. (Nota da Equipe do Encontro)

²⁸ Otília Gonçalves foi Diretora da *Mansão do Caminho*, em Salvador, Bahia, durante alguns meses. (Nota da Editora LEAL)

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

Ante a evidência da desencarnação, procurava orar, sem o conseguir, atormentada pela inconformação. Portadora de alguns conhecimentos da Doutrina dos Espíritos – caminho de luz no mundo de trevas –, recusava-me, contudo, a aceitar a realidade inelutável.

É certo que eu sabia, através de noções doutrinárias do Espiritismo, que a morte não representa o fim, mas o princípio de uma vida imperecível, e acreditava-o de coração. No entanto, meditava, acomodando a Superior Vontade aos meus próprios caprichos: eu não podia morrer ainda. Necessitava da generosidade do tempo para desincumbir-me das tarefas a que ultimamente me entregara, no sacrificante serviço do amor. Recordava o passado próximo, as lutas mal sofridas, revia a taça de ilusões onde tantas vezes me embriagara, e compreendia a inadiável urgência de recuperação, no labor das horas novas, libertando-me, então das pesadas algemas.

Em meio a esse conjunto de anseios e interpelações entre evocações de enganos sofridos e receios dos efeitos que chegariam, vi-me, de súbito, diante de grande painel, ligado à minha mente, para o qual fui poderosamente atraída. Pude ver, como numa grande tela cinematográfica, o desenrolar dos fatos que representavam a minha existência, em miraculoso retrospecto, repetindo-se em vertiginosa celeridade, sem omissão de qualquer detalhe. (...)

Antes que pudesse alongar-me em meditações proveitosas, na inquietação que me sacudia, retornei à sala onde outra realidade me fazia mais desencantada e aflita... Não podia agora contestar a realidade da minha *morte*.

Observei que todos oravam, e, ouvindo alguém chamar-me com veemência, fui arrastada e deparei-me contigo, minha filha. Pude ver que recordavas os dias em que vivemos juntas, porquanto os teus pensamentos formavam quadros vivos onde eu me encontrava também.

Desejei abraçar-te, mas, quando me dispunha a isso, erguiam o caixão que me conduzia o corpo.

O pavor do momento foi-me superior à capacidade de calma e confiança. Procurei, no meu desespero, correr para longe daquela cena pungente que me feria e amargurava; todavia, cordões espessos e escuros ligavam-me aos despojos, arrastando-me com eles... (...)

Verifiquei que, embora o corpo estivesse morto e começasse a avolumar-se, tomando aspecto horrendo, eu me sentia em um corpo gêmeo àquele que caminhava para a putrefação e, em tudo, idêntico a ele, inclusive no vestuário. (...)

Num desesperado esforço, tentei fazer um balanço, reunindo todos os fatos da minha vida, até onde podia alcançar, procurando esquecer, por momento, a sensação da violenta dor que se demorava na região cardíaca, e recordei, emocionada, a inadiável necessidade de orar. Sim, a prece ser-me-ia a única fórmula medicamentosa capaz de restituir-me a paz, a serenidade. Recordei-me, então, do Senhor Jesus, o Amigo dos aniquilados e Companheiro constante dos infelizes. A sua figura vitoriosa, além da cruz, retornou à minha mente, trazendo-me revigorante calma. A princípio, vagamente, depois mais nítida, a lembrança do Cordeiro de Deus fez-me esquecer a própria aflição, ao compará-la com a Sua dor, no infinito desconforto da cruz, por amor a todos os homens – os companheiros ingratos. Pela primeira vez, minha filha, experimentei tranquilidade junto aos despojos carnis, no fundo da sepultura. (...)

Ainda não havia terminado a rogativa, quando me chegou aos ouvidos, como em formoso sonho, doce e meiga voz que banhou de harmoniosa musicalidade o estranho recinto. (...)

Era a imã Liebe, não havia dúvida. Era aquele anjo que tantas vezes, no Culto de nossas orações no lar, nos convidara a seguir o Mestre, concitando-nos a amá-lo acima de todas as coisas terrenas. (...)

Escutava-a, deslumbrada, sem, entretanto, ver-lhe o vulto querido. (...)

– Que fazer, irmã querida, em tão trágicas circunstâncias? Como libertar-me daqui?...



– Tenho estado contigo desde o instante em que começaram as tuas aflições – respondeu bondosa. Todavia, prendias-te mais à lamentação improdutiva que à fé, malbaratando o tesouro precioso da oportunidade de confiar e esperar. Quando, porém, resolveste buscar a Fonte Viva, pela oração eficiente, rompestes as algemas que retinham tua mente no oceano físico e emergiste da penosa faixa de vibrações. (...)

“Ao orares, não arroles queixas nem lamúrias; não relaciones apontamentos apressados; não apresentes necessidades... O Senhor, que a todos nos conhece, sabe das necessidades que nos assinalam a existência e supri-las-á, naturalmente.

Abre-lhe o coração com amor e fala ungida de piedade e esperança. Colocando a alma em cada frase, recorda e repete a oração dominical²⁹ que o próprio Senhor nos ofereceu, como legado de amor, e confia na caridosa assistência que não tardará.”

Silenciando-se a voz carinhosa, procurei retemperar o ânimo e, como se voltasse a casa materna, revi-me pequenina e pobre, vestida nos panos da simplicidade, junto ao colo protetor de mamãe, mãos unidas, em noite de frio, repetindo com ela o *Pai-Nosso*. Com a imagem fixa na mente, com toda unção e recolhimento, tentei naquela hora singular repetir as comoventes e claras expressões. (...)

Ao descerrar as pálpebras, deparou-se-me suave claridade a espriar-se nas paredes e, sorrindo, surgiu o delicado e compassivo rosto de irmã Liebe, aureolado de fios dourados. (...)

Fitando-me com benevolente expressão, falou-me, confiante:

– Não temas. Vem! Saiamos daqui.

Otília Gonçalves

(Psicografia de Divaldo Pereira Franco. *Além da morte*; capítulos 1 a 3. Editora LEAL.)

²⁹ Lucas, 11: 1 a 4 (Nota da autora espiritual)

ANEXO 5: A DESENCARNAÇÃO DE IRMÃO JACOB

Irmão Jacob, que ora se apresenta narrador, foi o pseudônimo adotado por aquele que, em vida, foi Frederico Figner (1866-1947), reconhecido ativista espírita e dirigente da FEB – Federação Espírita Brasileira.

Figner tinha suas próprias convicções sobre o trespasse e os conseguintes desdobramentos:

Antes da passagem, tudo me parecia infinitamente simples! Não passaria a morte de mera libertação do Espírito e mais nada. Seguiria nossa alma para esferas de julgamento, de onde voltaria a reencarnar, caso não se transferisse aos Mundos Felizes. Por minha vez, lera descrições e teses preciosas, relativamente ao assunto, inclusive Bozzano e André Luiz. Desse último, recolhera informações que me sensibilizaram profundamente.

Pouco antes de abrigar-me no leito da morte, meditara-lhe as narrativas acerca da desencarnação de alguns companheiros e, perante os sintomas que me assaltavam, não tive qualquer dúvida. Aproximava-se o fim do corpo. A visão comum alterava-se. Em determinados instantes, a luz invadia-me em clarões subitâneos, mas, por minutos de prolongada duração, cercava-me densa neblina. Observei que frio intenso veio ferir-me as extremidades. Não seria a integral extinção da vida corpórea? Procurei acalmar-me, orar intimamente e esperar. Após sincera rogativa a Jesus para que me não desamparasse, comecei a divisar à esquerda a formação de um depósito de substância prateada, semelhante a gaze tenuíssima...

Não poderia dizer se era dia ou se era noite em torno de mim, tal o nevoeiro em que me sentia mergulhado, quando notei que duas mãos caridosas me submetiam a passes de grande corrente. À medida que se desdobravam, de alto a baixo, detendo-se com particularidade no tórax, diminuía-se-me as impressões de angústia. Lembrei, com força, o Irmão Andrade, atribuindo-lhe o benefício, e implorei-lhe mentalmente se fizesse ouvir, ajudando-me.

Busquei abrigar-me na prece, mas o poder de coordenação escapava-me. Não conseguiria precisar se eu era um homem a morrer ou um naufrago a debater-se em substância desconhecida, sob extremo nevoeiro. Naquele intraduzível conflito, lembrei mais insistentemente o dever de orar nas circunstâncias mais duras... Rememorei a passagem evangélica em que Jesus acalma a tempestade, perante os companheiros espavoridos, rogando ao Céu salvação e piedade...

Forças de auxílio dos nossos protetores espirituais, irmanadas à minha confiança, sustaram as perturbações. Braços vigorosos, não obstante invisíveis para mim, como que me reajustavam no leito.

Ansiava por libertar-me. Chorava conturbado, jungido ao corpo desfalecente, quando tênue luz se fez perceptível ao meu olhar. Em meio do suor copioso lobriguei minha filha Marta a estender-me os braços. Avançou, carinhosa, enlaçou-me o busto e falou-me, terna, aos ouvidos: “Agora, paizinho, é necessário descansar”.

O cadáver perturbava-me com as sugestões da morte, impunha reflexão desagradável e amarga.

Marta entendeu o que eu não podia dizer. Fez-se mais terna e explicou-me:



– Tenha calma, papai. Os laços não se desfizeram totalmente. Precisamos paciência por mais algumas horas.

Com gentilezas, explicou-me Bezerra que o processo liberatório corria normal. Não era possível – disse, bondoso – efetuar a separação do organismo espiritual com maior rapidez.

Esclareceu também que o ambiente doméstico estava impregnado de certa substância que classificou por “fluidos gravitantes”, desfavorecendo-me a libertação.

Mais tarde vim a perceber que os objetos de nosso uso pessoal emitem radiações que se casam às nossas ondas magnéticas, criando elementos de ligação entre eles e nós, reclamando-se muito desapego de nossa parte, a fim de que não nos prendam ou perturbem.

Equipe do Encontro

(Baseado em IRMÃO JACOB, Psicografia de Francisco C. Xavier. *Voltei*. Editora FEB.)



ANEXO 6: A DESENCARNAÇÃO DE UM JOVEM

Carlos Alberto da Silva Lourenço era um jovem de 18 anos, muito estudioso, educado e amigável. Estava no seu primeiro ano da faculdade de Engenharia Mecânica. Fazia trabalho voluntário anonimamente. Nem seus pais tinham ciência. Ensinava Braille, e auxiliava a Instituição de Braille de Santos em campanhas beneficentes. Carlos e sua família eram de formação católica, desconhecendo assim, os ensinamentos espíritas sobre a sobrevivência da alma. Durante uma partida de basquete em sua faculdade, sofreu um aneurisma o que levou a sua desencarnação.

No dia de sua primeira comunicação, mais ou menos cinco meses após sua morte, Carlos Alberto estava acompanhado de seu bisavô paterno Lourenço e do Padre Galdino Viliotto, Professor e muito amigo de Carlos. Através de sua comunicação podemos perceber vários ensinamentos acerca da separação da alma ao corpo após a morte, e também ver na prática o conhecimento da Doutrina Espírita contido em *O Livro dos Espíritos*.

(...) O que tenho experimentado em aflição para falar ou escrever, não há tinta que conte. Desde que despertei nos braços de meu avô Lourenço e no carinho daquela que conhecemos aqui por nossa vovó Pessoa ou vovó Maria, luto com as reações difíceis que não sei descrever...Penso que o estado de alguém que acorda aqui, de repente, assim como sucedeu, é uma espécie de loucura consciente em que nos conhecemos e passamos a desconhecer, porque somos nós e os que pensam em nós, e se os que pensam em nós estão envolvidos em pranto e aflição, a aflição e o pranto estão igualmente conosco, mesmo quando procuremos ser fortes ou não queiramos chorar... Apenas uma dor de cabeça muito ligeira me dava a ideia de algum comprimido que pudesse me restituir toda a força. A queda do corpo foi rápida. Quis controlar-me, mas não pude. Alguma coisa estava diferente em meu cérebro. Tentei estudar a mim mesmo, pois parecia estar caindo em um choque de encontro a um muro desconhecido... Chorei passando a um sono que me pareceu vir de uma injeção de anestésicos. Então dormi muito, mas sonhei que fui ao encontro da nossa casa e a do nosso caro Dr. Marins (médico amigo de Carlos Alberto), caminhando livre, mas desorientado pela praia do Embaré e ao longo de outras praias, como se eu fosse feito de um material muito leve e flutuante, a transferir-me de um lugar para o outro conforme minha própria vontade. Em seguida, apaguei-me e nada senti senão repouso sem nenhuma recordação.

Após dois meses, volta a se comunicar através da psicografia de Chico Xavier. Em sua segunda mensagem, Carlos Alberto fala da importância das preces e dos pensamentos fortificantes de seus parentes e amigos encarnados para sua sustentação e evolução, fala muito de Deus e Jesus e compreende a necessidade de sua morte para expiação de débitos passados.

Equipe do Encontro

(Baseado em ESPÍRITOS DIVERSOS, Psicografia de Francisco C. Xavier. *Jovens no Além*. Editora FEB.)

ANEXO 7: A DESENCARNAÇÃO DE VOLQUIMAR

QUEM É VOLQUIMAR³⁰

(...) Deixando a mãezinha no carro, Álvaro entrou com o amigo no Instituto e ao encontrar o corpo da irmã, julgou prudente ocultar o fato ao coração materno, até que chegassem a um Pronto Socorro Cardiológico, onde, junto de um médico, daria a notícia; D. Walkyria poderia não resistir ao impacto. (...)

Entrando no carro, disse a ela que a Vólqui não estava no Instituto e, em piedosa desculpa, falou que iriam a um hospital próximo, onde talvez a jovem estivesse (...). Assim que o Álvaro deu a desculpa e o carro já rolava pelo asfalto da Teodoro Sampaio, bem em frente ao vetusto edifício do Instituto Oscar Freire, Volquimar apareceu em espírito para a mãe. Sem que o irmão e o amigo a vissem, ela disse:

– Mãe, o Álvaro já me achou e identificou o meu corpo.

– Álvaro, meu filho, perguntou, então, D. Walkyria, você já localizou sua irmã, não é verdade? – sem dizer como estava recebendo a informação.

– Não, mamãe, retrucou o Álvaro, confuso, não a encontrei.

Continuava, contudo, o diálogo invisível da filha com a mãe.

– “Mamãe, falou a Volquimar sorrindo, ele já me encontrou, sim, e está ocultando a verdade da senhora.”

D. Walkyria tocou os ombros do filho, no banco da frente do carro e repetiu:

– Álvaro, fale-me a verdade, a Vólqui está no Instituto Médico Legal, não é mesmo?

Já que o filho continuava ocultando a realidade, D. Walkyria silenciou e teve apenas confirmada a certeza do falecimento da filha em um Pronto Socorro, onde, de imediato lhe foram ministradas poções calmantes. (...)

MÃEZINHA, ESTOU BEM

“Querida mãezinha, meu querido Álvaro. Primeiro a bênção que peço a Deus em nosso auxílio e a bênção que rogo à querida mamãe para que as forças não faltem, agora que tomo o lápis com o auxílio de meu avô para escrever. Não sei explicar a emoção que me controla todos os pensamentos. É como se voltasse todo o quadro de meses antes à memória.

Tudo me sensibiliza em excesso, tudo me faz recuar para rever o que devo contemplar em mim própria com serenidade. E parece um sonho, mamãe, estarmos juntas, através das letras no entendimento desejado. Não mais o cartão do alfabeto³¹ em que os movimentos vagarosos demais nos impedem a ideia de correr como desejamos. Aqui, é alma para alma nas palavras que anseio impregnar de amor sem conseguir. Peço-lhe não chorem mais o que ficou para trás no tempo, por expressão das Leis Divinas em forma de sofrimento. Embora isto, sei que a senhora e os nossos pedem notícias. Como foi o inesperado?

³⁰ Volquimar Carvalho dos Santos, desencarnada aos 21 anos de idade, em 01/02/1974, vítima do incêndio ocorrido no Edifício Joelma, em São Paulo, SP. (Nota da Equipe do Encontro)

³¹ Consiste na disposição sobre um pedaço de cartolina, ou cartão grosso, das letras do alfabeto, dos algarismos arábicos, e de palavras simples, mas de utilidade no diálogo mais rápido, como SIM e NÃO. Um copo ou, como no caso, uma pequena peça de cartolina cortada ao meio, é que vai designando, durante a reunião, as letras e números que o espírito comunicante determina. Uma pessoa as anota, formando, assim, as frases desejadas. (Nota da Equipe do Encontro)

Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual

Muito difícil a revisão. Tudo aconteceu de repente, como se devêssemos todos naquela manhã obedecer, de um modo só, a ordem que vinha do mais Alto, a fim de que a gente trocasse de vida e corpo.

Quando recebi o impacto da notícia do fogo, o tumulto fora da sala não era pequeno. O propósito de fazer com que o trabalho rendesse, habitualmente, nos isolava dos ruídos exteriores. E o tempo de preservação possível havia passado. Atendi automaticamente ao impulso que nascia nos outros companheiros – descer à pressa. E fizemos isso. Elevadores não mais podiam aguardar-nos. A força elétrica sofrera a queda compreensível.

Esforcei-me por atingir algum meio para a descida, mas isso se fazia impraticável. Com alguns poucos que me podiam ouvir, subimos apressadamente para os cimos do prédio. A esperança nos helicópteros estava em nossa cabeça, mas era muito difícil abraçar tantos para o regresso à rua com recursos tão poucos. Entendi tudo e orei. Orei como nunca, lembrando toda a vida num momento só, porque os minutos de expectativa eram para nós um prolongado instante de expectativa sempre menor. Tudo atravessei com a prece no coração. E posso dizer a você, mãezinha querida, que um brando torpor me invadiu, pouco a pouco...

O calor era demasiado para que fosse sentido por nós, especialmente por mim com minudências de registro. Compreendi que não estávamos à beira de uma libertação para o mundo e sim na margem da Vida Espiritual que devíamos aceitar com fé em Deus. E aceitei. Os Amigos Espirituais, destacando-se meu avô Álvaro, comigo durante todo o tempo, não me deixaram assinalar quaisquer violências, naturais numa ocasião como aquela, da parte daqueles que nos removiam do caminho em que se acreditavam no rumo da volta que não mais se verificaria.

Lembrando nossas preces e nossas conversações em casa, procurei esquecer as frases de desespero que se pronunciavam em torno de mim. Essa atitude de prece e de aceitação me auxiliou e me colocou em posição de ser socorrida. Mais tarde com algumas horas de liberação do corpo, é que despertei ao seu lado³². Aquele amigo certo que hoje sei nele o meu avô e benfeitor de todos os dias, estava a postos, reconfortando-me.

Estava em meu próprio leito, refazendo energias, e por ele fui informada de que a ilusão de estar no corpo, precisava ser esquecida; que o nosso querido Álvaro, auxiliado por ele, me encontrara a forma física na instituição a que fôramos recolhidos, depois da luta enorme e que não me cabia agora, senão estar calma e forte para fortalecê-la. Mas quem pode se gabar de ser mais forte que os outros numa ocasião qual naquela em que nos vimos todos agoniados e alterados sem qualquer possibilidade de opção?

Chorei muito, mas Deus não nos abandona. Por alguns poucos dias estive quase que constantemente ao seu lado, até dar-lhe a certeza de que devíamos estar em paz. Meu avô e outros amigos me ajudaram e prossigo na recuperação necessária. (...) De minha parte, estou melhorando. Agradeço as suas preces e as orações de Volneia e de Volnelita, do Álvaro e dos nossos todos, sem esquecer a nossa querida Célia e outras amigas. Todos os pensamentos de paz que me enviam são preciosos agentes de auxílio em meu favor. (...)"

Volquimar

Psicografia de Francisco C. Xavier em 13 de julho de 1974

(CAIO RAMACCIOTTI. *Somos seis*. Editora GEEM.)

³² É a confirmação de que a mãe realmente a viu em espírito, próximo ao Instituto Médico Legal, de São Paulo. (Nota de Caio Ramacciotti)

ANEXO 8: LEMAIRE

Condenado à pena de morte pelo Tribunal Criminal de Aisne e executado no dia 31 de dezembro de 1857; evocado em 29 de janeiro de 1858.

3. Conservastes o vosso discernimento até o último momento?

R. Sim.

5. A dor física causada pelo suplício era sentida pelo corpo ou pelo espírito?

R. A dor moral estava em meu espírito, o corpo sentiu a dor física, mas o espírito, separado, ainda se ressentia da dor.

6. Vistes o vosso corpo mutilado?

R. Vi não sei o quê de informe, que me parecia não haver deixado; entretanto, ainda me sentia inteiro: era eu mesmo.

P. Que impressão vos causou essa cena?

R. Sentia muito a minha dor, estava completamente mergulhado nela.

7. É verdade que o corpo ainda vive alguns instantes após a decapitação, e que o supliciado tem consciência de suas ideias?

R. O espírito se retira pouco a pouco; quanto mais os laços da matéria o prendem, mais demorada é a separação.

9. Qual foi o primeiro sentimento que experimentastes ao entrar na vossa nova existência?

R. Um sofrimento insuportável, uma espécie de remorso muito doloroso do qual eu ignorava a causa.

10. Fostes reunido aos vossos cúmplices executados ao mesmo tempo que vós?

R. Para nossa desgraça; a visão que temos é um suplício contínuo; cada um de nós reprova no outro o seu crime.

11. Reencontrastes as vossas vítimas?

R. Eu as vejo... elas são felizes... o seu olhar me persegue... sinto que ele mergulha até o fundo do meu ser... inutilmente quero fugir dele.

P. Que sentimento experimentastes ao vê-las?

R. A vergonha e o remorso. Eu as elevei com minhas próprias mãos, e ainda as odeio.

16. Em vossa vida, acreditáveis em Deus?

R. Não.

P. Dizem, no entanto, que no momento de morrer vós vos arrependestes; isso é verdade?

R. Eu acreditei em um Deus vingativo... Tive medo da sua justiça.

P. Neste momento, vosso arrependimento é mais sincero?

R. Pobre de mim! Eu vejo o que fiz.



20. Já que estais aqui, se pudéssemos vos ver, sob qual forma nos apareceríeis?

R. Sob minha forma corporal, a cabeça separada do tronco.

22. Poderíamos levar algum alívio aos vossos sofrimentos?

R. Fazei votos para que a expiação chegue.

(ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*; 2ª parte – Capítulo VI. CELD.)

ANEXO 9: A DESENCARNAÇÃO DE JOANA D'ARC

Subi na fogueira com o irmão Martin L'Advenu e fui amarrada a um grande poste que estava no meio. O carrasco logo em seguida ateou fogo embaixo da fogueira. A chama levou quase uma hora para chegar ao cimo.

Irmão Martin, muito preocupado comigo, não percebeu que em breve seria impossível descer; o lado onde estava a escada logo seria invadido, eu lhe disse enquanto havia tempo:

– Irmão Martin, eu lhe agradeço, retire-se e reze por mim.

O bispo aproximou-se para me ver; eu o exprobase sobre minha morte e o incitava ao arrependimento; ele me perguntou se ainda acreditava nas minhas vozes e eu respondi:

– Sim.

– Entretanto elas a enganaram quando lhe asseguraram que seria libertada.

Já me haviam feito essa observação e eu reconheci sua justiça; porém ali, sobre a fogueira, compreendi claramente seu sentido; oprimida por suas perguntas, falei:

– Sejam eles bons ou maus espíritos, eles aparecem para mim.

Ele parou de falar comigo; mas como o escutei dizer a algumas pessoas que estavam perto dele que Charles VII era um herege, gritei:

– Reverendo pai, não fale assim! meu rei é bom cristão, juro sobre minha alma.

O carrasco fazia todos os esforços possíveis para abreviar minha cruel espera; contudo apesar do que ele pode fazer, o fogo levou quase uma hora para chegar até mim; assim que senti as primeiras queimaduras, pronunciei o nome de Jesus, elevei os olhos para o céu e vi minhas doces protetoras e anjos do céu que seguravam uma palma e uma coroa.

Durante cerca de 15 minutos sofri horríveis torturas; mas as santas me encorajavam, e, quando dei finalmente o último suspiro, levaram com elas minha alma para os céus....

Os ingleses, chocados de terror, pensaram ter visto minha alma sair em chamas sob a forma de uma pomba branca que se perdeu nos céus. Eles se retiraram consternados com minha morte, como se fosse uma calamidade pública, dizendo:

– Estamos perdidos, pois queimamos uma santa mulher.

(JOANA D'ARC, psicografia de Ermance Dufaux. *C A História de Joana D'Arc ditada por ela mesma*; capítulo X. CELD.)

ANEXO 10: COMO ORAR POR AQUELE QUE ACABA DE PARTIR?

PRECE NO VELÓRIO:

O Altivo nos orientava da seguinte forma: se for convocado a fazer uma prece no velório, primeiro verifique qual a religião dos familiares presentes. Se não forem cristãos, fale um pouquinho sobre Deus e faça uma prece dirigida a Deus. Se forem cristãos, mas não espíritas, você pode trazer, de maneira bem rápida, uma passagem bíblica que fale de misericórdia, depois faça uma prece que congregue as pessoas; pode fazer um Pai-Nosso e acrescentar poucas palavras, pedindo a Deus e a Jesus o conforto para aquela família, pedindo o amparo para aquele que acabou de partir.

Se não for convocado para fazer a prece, faça uma prece íntima, conversando com o recém-desencarnado, dirigindo-lhe palavras de estímulo, dizendo-lhe que não tenha medo, pois a vida continua, e existem amigos espirituais por perto para lhe ampararem. Se você perceber mediunicamente que ele ainda está ali, faça uma prece aos benfeitores da instituição religiosa que ele frequentava, quando encarnado, encaminhando-lhe a eles.

PRECE DOS FAMILIARES E AMIGOS:

Estes devem fazer preces dirigindo boas notícias ao recém-desencarnado:

– “Fulano”, você partiu, mas nós aqui estamos nos organizando. Não se preocupe conosco, pois estamos dando conta da vida. A vida continua. É importante que você tenha uma referência; se não tem, ore, peça; com certeza, Deus vai abençoar você. Você vai ficar bem, aquele mal-estar (se a causa da desencarnação foi uma doença), aquele episódio já passou, estava no seu corpo; você vai ficar bem, você tem condições de ficar bem.

O Altivo dizia que isso tranquiliza tanto o recém-desencarnado, quanto a pessoa que ora, pois, no momento que a pessoa está pronunciando esta prece, ela sente um bem-estar.

Eu, quando orava para o Gustavo, meu filho que desencarnou jovem, contava algumas passagens do *Evangelho* – da forma como estávamos habituados a conversar em casa –, depois dizia:

– Meu filho, obedece aos tios que estão aí, recebe com satisfação o tratamento que eles lhe oferecerem.

Depois de algum tempo, passei a acrescentar o seguinte:

– Filho, ofereça-se para trabalhar. Não espere ninguém lhe pedir. Limpar algum local que esteja sujo ou carregar alguma coisa, qualquer um pode fazer.

Quando fazemos este tipo de prece, nós estimulamos o recém-desencarnado a se adequar à vida no mundo espiritual.

Deuza Nogueira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN KARDEC. A Gênese. CELD.

ALLAN KARDEC. O Céu e o Inferno. CELD.

ALLAN KARDEC. O Evangelho Segundo o Espiritismo. CELD.

ALLAN KARDEC. O Livro dos Espíritos. CELD.

ALLAN KARDEC. O Livro dos Médiuns. CELD.

CAIO RAMACCIOTTI. *Somos seis*. Editora GEEM.

DIVALDO PEREIRA FRANCO. Além da morte. Editora LEAL.

ERMANCE DUFAUX. A História de Joana D'Arc ditada por ela mesma. CELD.

ERNESTO BOZZANO. A crise da morte. Editora FEB.)

ERNESTO BOZZANO. Cinco excepcionais casos de identificação de espíritos. Editora Lachâtre.

FRANCISCO C. XAVIER. Jovens no além. Editora FEB.

FRANCISCO C. XAVIER. Voltei. Editora FEB.

FRANCISCO C. XAVIER. Nosso Lar. Editora FEB.



Produção: Setor Editorial do
CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS
Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700
Site: www.edicoesleondenis.com.br
E-mail: editorial@leondenis.com.br

-37º Encontro Espírita sobre *O Livro dos Espíritos*

Tema Central: “Retorno da Vida Corporal à Vida Espiritual”

Deus em Nós

“Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que imploram por ela. Seu poder cobre a Terra inteiramente e, por toda a parte, ao lado de cada lágrima ele colocou um bálsamo que consola.” (Allan Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 2. ed. CELD, 2003. Cap. 6, item 8.)

O homem deve procurar desenvolver em si os sentimentos da elevação de caráter, da elevação espiritual, os sentimentos superiores.

A humanidade, que tanto passa por dificuldades e problemas, desabitua-se, pouco a pouco, de enxergar o Infinito: parece que seus olhos, doídos e sofridos, acostumaram-se a ver o chão pedregoso, esquecidos de olhar para o Além, para a imensidade, para as grandes alturas.

Quando observamos que o homem sofre, e sentimos que lhe faltam recursos para perceber o Além, vemos que Deus nos envia, a nós espíritos e aos homens encarnados, também, condições de intercâmbio maior, suscitando nas criaturas próximas ou remotas o estímulo, o ânimo, a realidade espiritual, para que elas sintam a beleza e a grandeza do Pai. Isso quer dizer que ninguém está só, ninguém está abandonado, diante da luta.

Presente a dificuldade, Deus se faz presente também, estimulando a todos e a tudo a caminhar para o mais elevado.

Quando a dor estiver batendo firme, que cada um se recorde de Deus; que busque o Infinito; que peça a Jesus o amparo, e que ele ajude as criaturas a perceber o Infinito, a perceber que Deus está presente através de seus vários prepostos.

Lutando contra o medo, contra a incerteza, contra a depressão, certamente que a grandeza de Deus se fará em nós, para que digamos, do fundo do coração: Deus, presente em nós, auxilia-nos a encontrar o irmão, e nele vemos uma figura de bondade, e nele sentirmos um coração.

Não desistam de ser bons! Procurem sempre multiplicar os atos de solidariedade humana. Busquem ver Deus nas manifestações do Infinito.

Que Deus nos ajude, abençoe e proteja a todos!
Paz!

Hermann

(Mensagem extraída do livro *Palavras do Coração*, vol. 2. Psicofonia recebida pelo médium Altivo C. Pamphiro, em 30/1/1993, no CELD, RJ.)